

M|A|RGS

FRANTZ

**TAMBÉN
E AINDA
PINTURA**

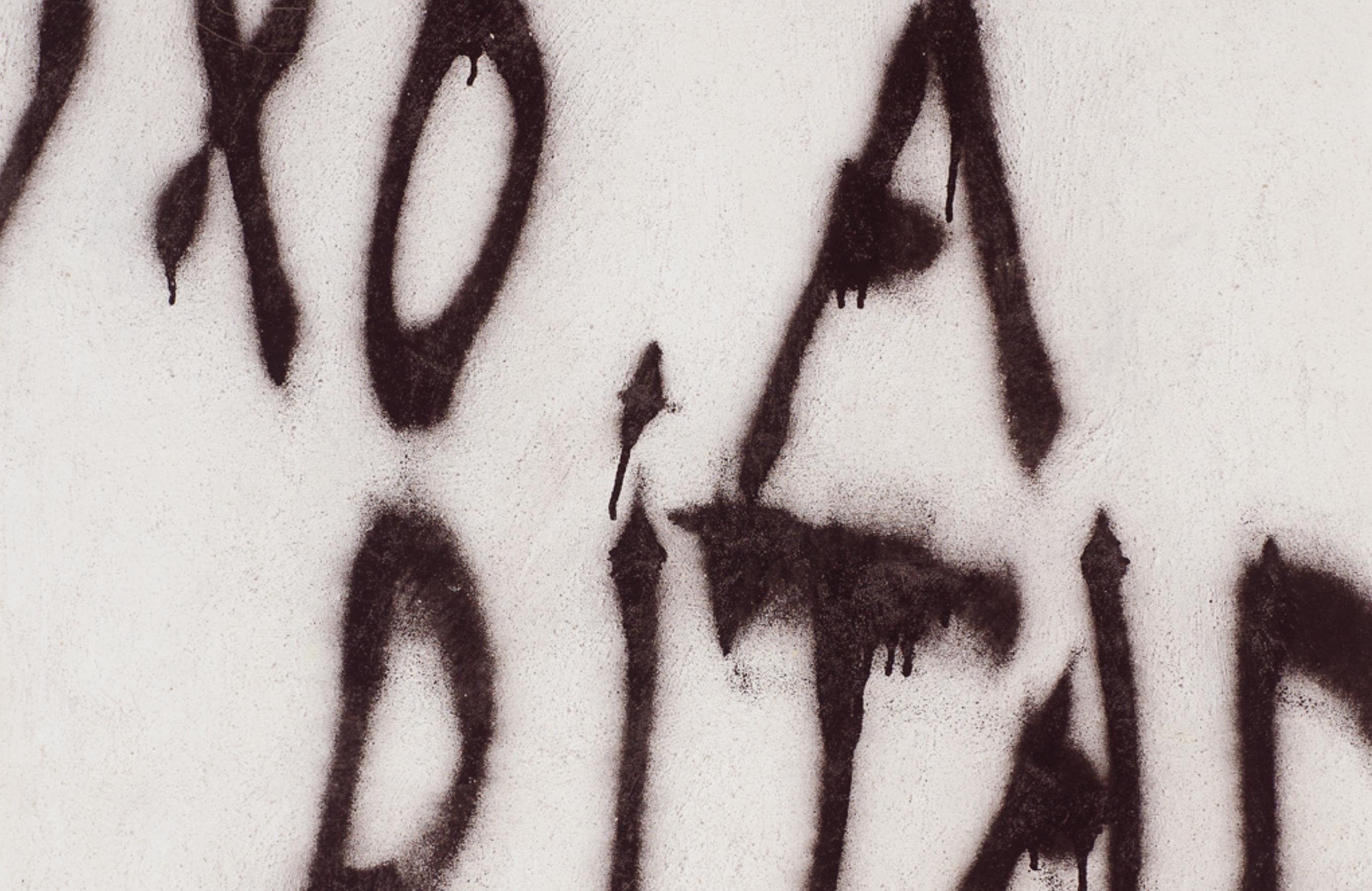
FRANTZ

TAMBÉM E AINDA PINTURA

Curadoria **Francisco Dalcol**

M|A|R G S 
NOVAS FAÇANHAS
NA CULTURA

Museu de Arte do Rio Grande do Sul
13.06.2019 a 01.09.2019
Porto Alegre | RS



No ano de 2019, em meio a uma crise política e econômica, a Secretaria de Estado da Cultura foi refundada com dois objetivos principais: preservar e divulgar o nosso patrimônio cultural e avançar no campo da economia da cultura.

Para esse desafio, mais do que confiança política, contamos com a garantia do direito à liberdade de expressão e escolha para definirmos o quadro técnico das instituições museais.

Tendo em vista que a gestão de um museu de arte envolve questões artísticas e curatoriais, convidamos Francisco Dalcol, doutor em Teoria, Crítica e História da Arte, para imprimir na atual Direção a preocupação com a realização de exposições acompanhadas de critérios e concepções curatoriais de excelência e que primem pela valorização da diversidade artística e cultural em suas pesquisas, ações e programas públicos.

O MARGS é o mais importante museu do Estado do Rio Grande do Sul, tanto por sua trajetória quanto pela extensão de sua coleção, com mais de 5000 obras. Com o entendimento de que um Museu se recria pela sua própria trajetória, estamos investindo, através do programa “PAC Cidades Históricas” e do programa “Avançar na Cultura”, na revitalização estrutural do museu e voltando a desenvolver uma expressiva política de veiculação do seu acervo junto à realização de programas públicos sistemáticos, não se limitando a exibir apenas as obras já conhecidas do grande público, mas aquelas ocultadas ao longo de um processo histórico agora questionado.

Sob essa perspectiva, entendemos que uma política museológica deve optar por um modelo que favoreça o acervo da instituição e o protagonismo do Museu na realização de pesquisas curatoriais, projetos expositivos e ações educativas, ao mesmo tempo acolhendo e trazendo a público projetos externos e de excelência do nosso meio cultural.

Junto a isso, o MARGS volta a implementar um programa editorial de publicações, como esta dedicada à exposição “Frantz — Também e ainda pintura”. Assim, o Museu se prepara para sistematizar ações que possibilitem uma maior circulação e uma efetiva amostragem de seus projetos para a comunidade, afirmando-se no século 21, no que se refere a padrões museológicos nacionais e internacionais, como uma autêntica estrutura de difusão de conhecimento seriamente democrática e abrangente.

Uma estrutura que, demonstrando a relevância de seu acervo e da importância estratégica de suas ações para a comunidade artística regional, também realiza uma necessária contribuição para o maior entendimento do contexto histórico, político e social do povo brasileiro.

Beatriz Araujo

Secretária de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul

A Associação dos Amigos do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (AAMARGS) é uma entidade privada, sem fins lucrativos. Desde sua criação, em 1982, tem sido fundamental para o funcionamento do Museu, garantindo ao MARGS excelência frente às exigências museológicas e institucionais.

A missão da AAMARGS é ajudar a manter as atividades e o funcionamento do Museu ao oferecer meios de sustentabilidade à operação, à programação e à manutenção do MARGS.

Esse suporte se dá pela realização de ações e contribuição dos associados, bem como de apoiadores e incentivadores, e sobretudo pelos esforços da atuação voluntária da Diretoria da Associação.

Entre as ações realizadas, as principais são a gestão do Plano Anual do MARGS e a busca por patrocinadores, segundo mecanismos de fomento e financiamento como editais e leis de incentivo.

Nesse sentido, a AAMARGS tem sido de fundamental importância para a atuação e o desenvolvimento do Museu, contribuindo de maneira especial não só na sua sustentabilidade como também no seu crescimento e qualificação.

Assim, os passos da AAMARGS acompanham a história do Museu, fazendo-se presente em todos os momentos desde a sua fundação até os dias atuais.

Diretoria da AAMARGS

APRESENTAÇÃO

O Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS) é uma instituição museológica voltada à história da arte e à memória artística, assim como às manifestações, linguagens, investigações e produções em artes visuais.

Sua principal finalidade é colecionar, documentar, conservar, restaurar, estudar e exibir os seus Acervos Artístico e Documental; a fim de desenvolver exposições e atividades que proporcionem aos públicos experiências enriquecedoras, transformadoras, inclusivas e acolhedoras.

Nesta gestão do MARGS, investimos em uma política curatorial e educacional a par de discussões e problemáticas prementes a serem enfrentadas de maneira (auto)crítica pelas instituições museológicas e artísticas, sobretudo por aquelas que se orientam pela busca de relevância e atualidade.

Nesse empenho, assumimos como compromisso fundamental a defesa de premissas democráticas e de valores cidadãos, como inclusão, diversidade, pluralidade e representatividade; por meio de ações e estratégias envolvendo o programa artístico, as políticas de exibição e aquisição, a ação educativa e a gestão museológica.

Sendo o museu uma instância voltada à pesquisa, ao estudo, à reflexão e à produção de conhecimento e experiências avançadas e aprofundadas em arte, ao assumirmos a Direção do MARGS em 2019 implementamos uma linha de atuação institucional que confere protagonismo a projetos curatoriais e expositivos de execução própria pelo museu, os quais são propostos, concebidos e desenvolvidos pelo diretor-curador e suas equipes, colaboradores, profissionais envolvidos e instituições parceiras; entre mostras individuais e coletivas, com obras tanto de seus acervos artístico e documental como de outras coleções e procedências.

É dessa orientação que resultam projetos como “Frantz — Também e ainda pintura”, a ampla exposição monográfica que o MARGS apresenta em 2019, inaugurando o programa expositivo intitulado “História do MARGS como História das Exposições”. Seu objetivo é trabalhar a memória da instituição de uma maneira inovadora, abordando a história do Museu, as obras e constituição de seu Acervo Artístico e a trajetória e produção de artistas que nele expuseram, resultando em projetos curatoriais que revisitam, resgatam e reexaminam episódios, eventos e exposições emblemáticas do passado do MARGS, de modo a compreender sua inserção e recepção públicas.

Este catálogo dedicado à mostra se integra ao programa editorial de publicações relacionadas aos projetos curatoriais e expositivos apresentados pelo MARGS.

A intenção é documentar e difundir a exposição, privilegiando assim a circunstância de apresentação e de encontro com as obras e os trabalhos de arte. Nesse sentido, os catálogos trazem não apenas os textos e as obras da exposição, como a fortuna visual composta pelos registros fotográficos que documentam as configurações do espaço expositivo, os quais são indicativos das opções curatoriais e da experiência advinda dos agrupamentos e das relações estabelecidas entre as obras.

A organização deste catálogo se orienta pela forma como a exposição se estruturou. Quanto às obras e documentos reunidos, seguimos um dos objetivos do programa editorial, que é o de registrar e documentar as exposições, e também ampliá-las em conteúdo. Assim, destacamos os itens dos Acervos Artístico e Documental do MARGS, com a intenção de conferir maior visibilidade e legibilidade a partir de sua veiculação por meio de publicações. Nessa orientação, além de reunir as obras incluídas na exposição, o catálogo se complementa ao apresentar as obras de Frantz no Acervo Artístico do MARGS e as ações desenvolvidas pelo Programa Público da exposição.

Interesse privilegiado da chamada História das Exposições, um campo de conhecimento relativamente recente que se volta à circunstância pública de apresentação da arte e de contato entre obra e público, os catálogos relacionados às exposições são fundamentais para a constituição da memória dos eventos artísticos, participando da construção dos discursos e das narrativas artísticas, assim como dos campos da teoria, da crítica e da história da arte.

Francisco Dalcol

Diretor-curador do MARGS

Doutor em Teoria, Crítica e História da Arte



SUMARIO

12 **FRANTZ — TAMBÉM E AINDA PINTURA**
FRANCISCO DALCOL

EXPOSIÇÃO: OBRAS E DOCUMENTOS

18 1. PINTURAS-NÃO-PINTADAS

56 2. PICHações: 1982/2019

110 3. LIQUID PAPER

128 **LISTA DE OBRAS DA EXPOSIÇÃO**

130 **PROGRAMA PÚBLICO**

132 **OBRAS NO ACERVO DO MARGS**

FRANTZ

TAMBÉM

E AINDA

PINTURA

Francisco Dalcol

Diretor-curador do MARGS
Doutor em Teoria, Crítica e História da Arte

A verdade é tão estranha quanto desafiadora: Frantz é um pintor que não pinta. Ou, ao menos, que não pinta mais, se entendermos o pintar como o gesto de iniciativa e ação que plasma no encontro da tinta com a tela o acontecimento que faz pintura.

Se não pinta mais, é porque antes Frantz já pintou. Isso foi no começo dos anos 1980, quando o jovem artista despontou, logo se projetando no circuito artístico local e mesmo nacional, naquele momento histórico em que a pintura, frente à sua longa tradição e suas sucessivas mortes decretadas, era reabilitada por um renovado interesse pela pesquisa de seus meios e linguagem. Mesmo assim, quando Frantz ainda pintava, sua pintura já era pautada pela insubordinação e subversão aos padrões e postulados, orientando-se pelo questionamento às convicções em torno do que, afinal, seria a pintura.

Na pesquisa que o levou às regiões limítrofes da compreensão sobre a pintura, Frantz deslocou o fazer do acontecimento plástico e visual para o campo da operação conceitual. Passou, assim, a privilegiar menos a feitura autoral do fazer-pintura para, em lugar, priorizar mais os processos e procedimentos que se valem dos códigos da pintura, de modo a confrontá-los às convenções que conformam o entendimento a respeito da cultura pictórica.

Nessa investigação inquiridora e problematizadora, suas experimentações e reflexões resultaram em desdobramentos diversos, que em comum expandem nossa compreensão não só do fazer-pintura, mas também de valores e premissas como criação, individualidade, autoria, intencionalidade e originalidade. Assim, na produção de Frantz, a pintura passou a ser questão de escolha, apropriação e edição. Ou de encontro, pensamento e decisão. Mas, contudo, sendo também e ainda pintura. Daí, portanto, o título desta exposição de Frantz, cuja última individual no MARGS ocorrera em 1994 (“Frantz, acrílico sobre tela”).

Abrangendo quatro décadas de produção, porém abrindo mão de qualquer orientação retrospectiva, esta individual de agora se organiza em torno de três eixos. Cada qual em uma sala e abordando determinadas e distintas

estratégias da pesquisa do artista, mas que se entrelaçam no decorrer da produção, assinalando a complexa temporalidade que marca a trajetória de Frantz.

Nesse modelo curatorial adotado, não optamos, portanto, por uma abordagem linear ou evolutiva que fosse interessada em demonstrar etapas que se sucedem evolutivamente. Até porque, em sua trajetória, os momentos e as fases vão e voltam, sobrepondo-se procedimentos desenvolvidos em tempos diversos e que, no decorrer, complementam-se e desdobram-se.

No conjunto e na articulação dos três eixos — que reúnem mais de 70 obras de sua produção desde o começo dos anos 1980 até a atualidade —, “Frantz — Também e ainda pintura” mobiliza processos e operações da produção visual de Frantz que, a partir de embaralhamentos e deslocamentos dos códigos visuais perceptivos, incidem sobre a reconfiguração do olhar.

Assim, com esta exposição pretende-se contribuir e mesmo intensificar uma pertinente reflexão e compreensão sobre o campo expandido da pintura. Pois na experiência advinda da produção deste pintor que um dia pintou e hoje não pinta mais — ao menos em termos convencionais —, encontramos a chance de renovar e ampliar nosso entendimento e experiência sobre o fazer e o pensar em torno dos limites da pintura.

1. PINTURAS-NÃO-PINTADAS

O primeiro eixo, na galeria João Fahrion, reúne um conjunto de pinturas em grande escala, de diferentes épocas, algumas delas nunca exibidas e por isto ainda inéditas. São privilegiados trabalhos que resultam dos procedimentos de apropriação dos pisos e das paredes de ateliês de artistas forrados por Frantz com extensas lonas. Essas coberturas permanecem em cada lugar durante longo tempo, até mesmo anos, recebendo resíduos de todo tipo que restam fora dos trabalhos alheios.

Quando Frantz decide retirar os forros, os acúmulos de tinta e sujeira surgem como indicações de um acaso que, a partir do seu processo de apropriação, enquadramento e montagem, permitem-lhe identificar e nomear as superfícies como pintura.

Dialogam com essas amplas pinturas-não-pintadas os diversos objetos apresentados na galeria, que consistem em resíduos de tinta acrílica acumulados em potes e bacias que funcionam como formas e moldes. Espécie de alegoria a partir da matéria primeira da pintura, esses trabalhos enfatizam a abordagem conceitual com a qual Frantz desloca o campo pictórico para o plano objetual.

Ao fim, tanto as pinturas quanto os objetos levam a indagar sobre a materialidade e a presença da pintura, por meio da insinuação de um jogo entre falso e verdadeiro, ausência e presença, original e apropriação.

Durante a montagem deste primeiro eixo da exposição, o processo de interlocução entre curadoria e artista resultou na proposta — levada a cabo — de ocupação do foyer do MARGS. Um trabalho do mesmo conjunto é apresentado desta vez ao chão, sob uma grande superfície de vidro espesso, de modo a permitir que possa ser pisado no percurso dos visitantes. Junto a ele e defronte, outro trabalho da mesma série foi instalado à parede, como que estabelecendo um rebatimento.

Com a ocupação do foyer no andar inferior à galeria, buscou-se prolongar a exposição ou mesmo criar um espaço introdutório a ela — já que se localiza à entrada do Museu. A estratégia também materializou uma ideia, aventada nesse processo, de se revistar um episódio do passado resgatado pela curadoria durante a pesquisa curatorial. Em 1987, Frantz ocupou o mesmo foyer do MARGS com um trabalho instalativo baseado em tinta spray e papel jornal, como parte do “Projeto releitura” promovido pelo Museu. Frantz apresentava então sua versão para a obra “Leitura de jornal” (s.d.), de José Lutzenberger (1882-1951), pertencente ao acervo do Museu. Passados 32 anos, o artista volta agora a ocupar o mesmo espaço, novamente com uma proposição instalativa.

2. PICHAÇÕES: 1982/2019

A intenção de revisitar um episódio do passado em que a história do artista e a história do MARGS se interseccionam se intensifica na concepção do segundo eixo de “Frantz — Também e ainda pintura”. Mediante um estratégia curatorial distinta do restante da exposição e propositadamente concebida

a fim de se revistar outro momento do passado, mas agora por meio da tentativa de seu resgate, reconstituição e mesmo recriação, realizamos na sala Pedro Weingärtner a remontagem de uma exposição histórica, “Frantz — Pichações”, apresentada em 1982 no MARGs.

Nela, o artista mostrava suas pinturas de então, baseadas nas intervenções escritas que encontrava nos muros, muitas delas de caráter político e subversivo, e que depois o levariam à produção de outras obras, como a série pautada pela presença recorrente e expressiva do X, este símbolo dúbio, que ao mesmo tempo significa anulação e opção.

“Pichações” foi uma exposição audaciosa à época, e também provocativa, tanto pelo fato de o Museu apresentar pichações legitimando-as como pintura, como por se tratar de um jovem artista, então com 19 anos — e, portanto, em início de carreira —, realizando já no MARGs a sua primeira individual.

Passadas quase quatro décadas, “Pichações” é agora remontada, procurando emular o significado e a experiência da exposição original ao reunir a quase totalidade dos trabalhos expostos em 1982, tendo por base a memória testemunhal do artista e as poucas fotografias que registram a exposição originária, a maioria delas contemplando o momento prévio, durante o processo inacabado da montagem.

Nesse empenho, foi reunido um conjunto significativo de obras, que hoje se encontram em coleções particulares e acervos públicos, a exemplo do próprio MARGs. Para contextualizar e mesmo ampliar e expandir a experiência advinda dessa recriação da exposição, são apresentadas outras obras relacionadas à série “Pichações”, além de documentos e registros visuais levantados durante a pesquisa curatorial, procedentes do arquivo pessoal do artista e do Acervo Documental do MARGs.

A partir dessa experiência de resgatar um episódio do passado mediante estratégias curatoriais de remontagem e recriação de exposições históricas, “Frantz — Também e ainda pintura” acabou por originar e dar início a um dos programas expositivos da atual gestão do MARGs, intitulado “História do MARGs como História das Exposições”, com o qual se pretende abordar outros momentos históricos do MARGs. Seu objetivo é trabalhar a memória da instituição de uma maneira inovadora, abordando a história do Museu, as obras e constituição de seu acervo e a trajetória e produção de artistas que nele expuseram, resultando em projetos curatoriais que revisitam e

reexaminam eventos e exposições emblemáticos do MARGs, de modo a compreender sua inserção e recepção públicas, assim como reavaliar e reposicionar seu lugar e papel na historiografia da arte.

3. LIQUID PAPER

Por fim, no terceiro eixo da exposição “Frantz — Também e ainda pintura”, é apresentado na Sala Angelo Guido um trabalho inédito de Frantz.

Trata-se de “Liquid Paper”, que se vincula à sua então mais recente frente de pesquisa e realização, baseada na manipulação de catálogos de exposição. O trabalho integra o projeto “Roubadas”, no qual Frantz intervém nos discursos visuais e textuais contidos nas publicações artísticas, adulterando e editando as imagens e os textos que encontra ao longo das páginas.

Mais do que o embaralhamento e o apagamento das autorias, essa operação de apropriar-e-intervir dá a ver sempre uma obra outra, embora ao mesmo tempo impossível de ser desvinculada por completo de seu referente anterior.

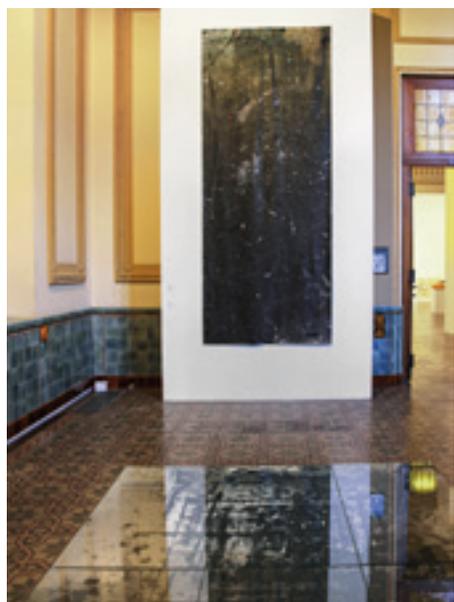
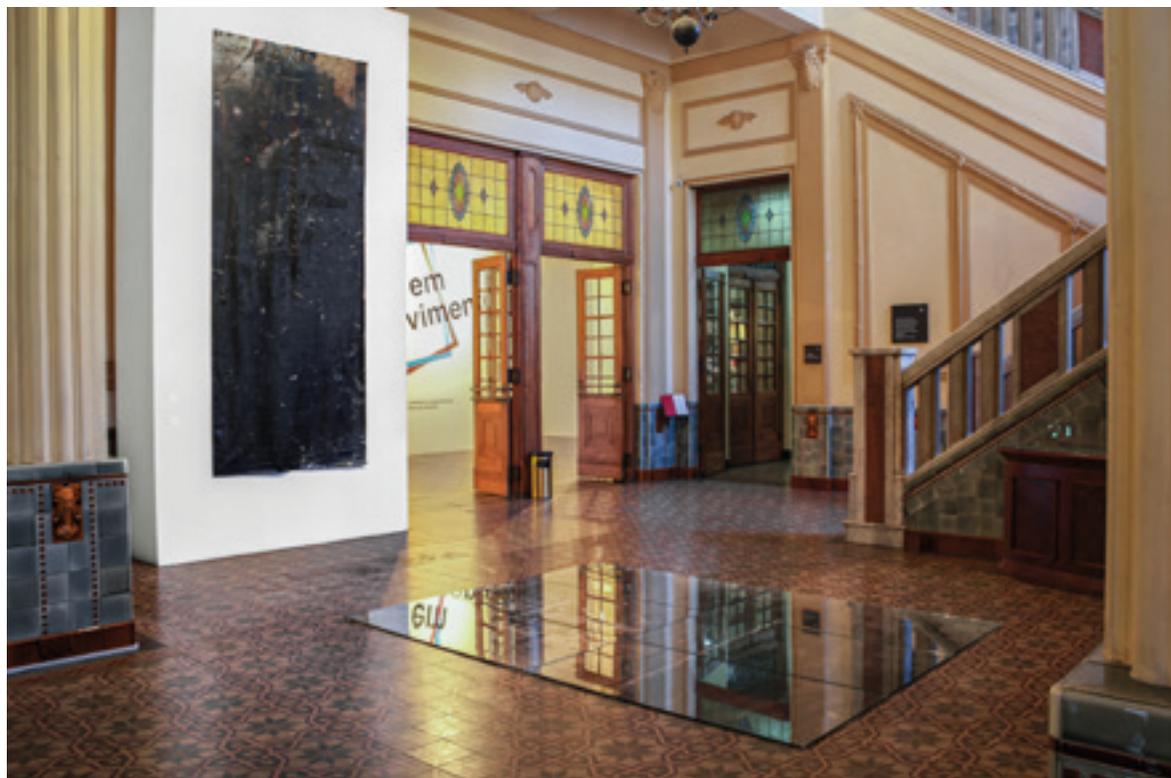
Na sala, é exibido um desses trabalhos, a partir de uma estratégia de apresentação que o toma como se fosse um objeto já musealizado e, por isto, não manuseável. Essa interdição, que é propositada, se dá pela alocação do catálogo adulterado no interior de uma pequena vitrine, posicionada no centro do espaço expositivo. E no seu entorno foram dispostas lado a lado, ao longo das 3 paredes, todas as 22 páginas interferidas por Frantz, então reproduzidas em proporção maior. A sequência foi estabelecida conforme a mesma ordenação da publicação, propondo uma planificação e mesmo um rebatimento entre o objeto em si e o que se apresenta na parede, como um jogo entre o real e a projeção de sua simulação.

Assim, “Liquid Paper” aponta para uma nova operação conceitual nos procedimentos de Frantz, e que resulta em mais um desdobramento visual a pautar a extensão de sua produção. Efeito também de procedimentos de apropriação e intervenção, mostra-nos que a realidade é sempre uma construção a ser mediada, e a arte a operação que se ocupa de intervir nesse real construído.

1. PINTURAS

-NÃO-PINTADAS

FOYER



1987
instalação MARGS
releitura de Lutzenberger

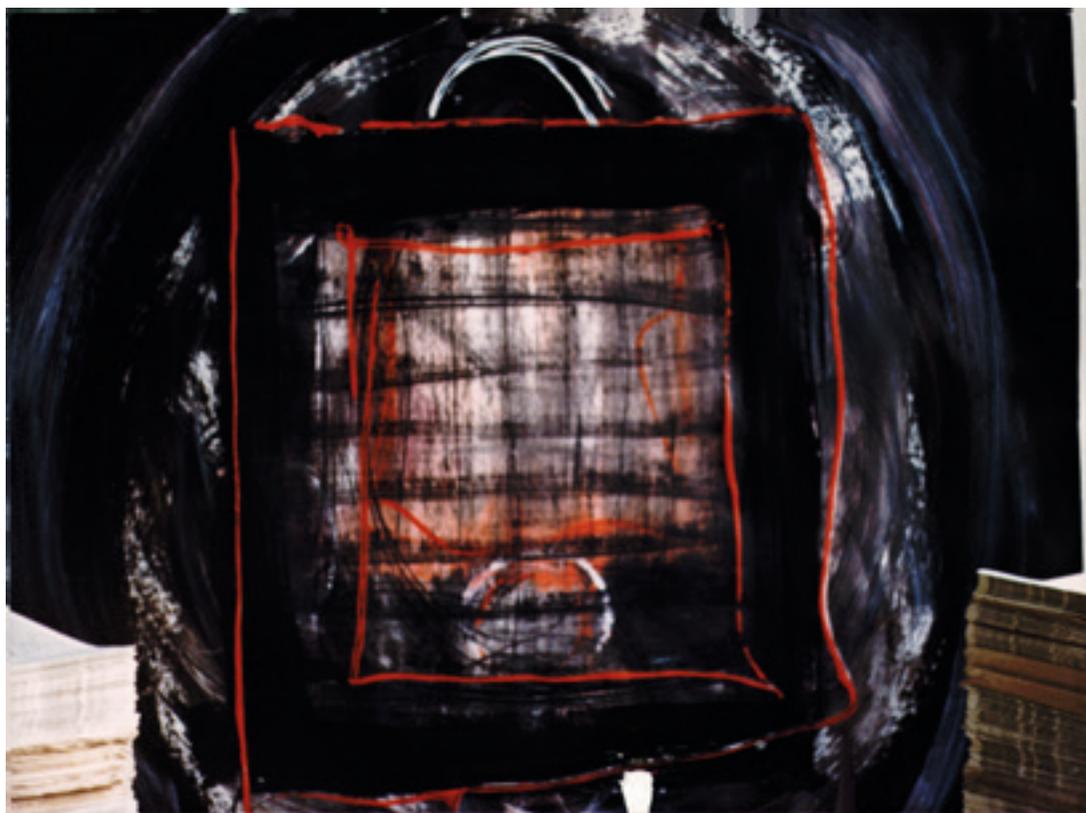




JOSÉ LUTZENBERGER
(Altötting/Alemanha,
1882 - Porto Alegre/RS, 1951)

Leitura de jornal, s.d.

Aquarela
19,7 x 19,9 (17,7 x 17,9) cm
Acervo MARGS, aquisição por
doação de Maria Magdalena
Lutzenberger, 1975



GALERIA JOÃO FAHRION







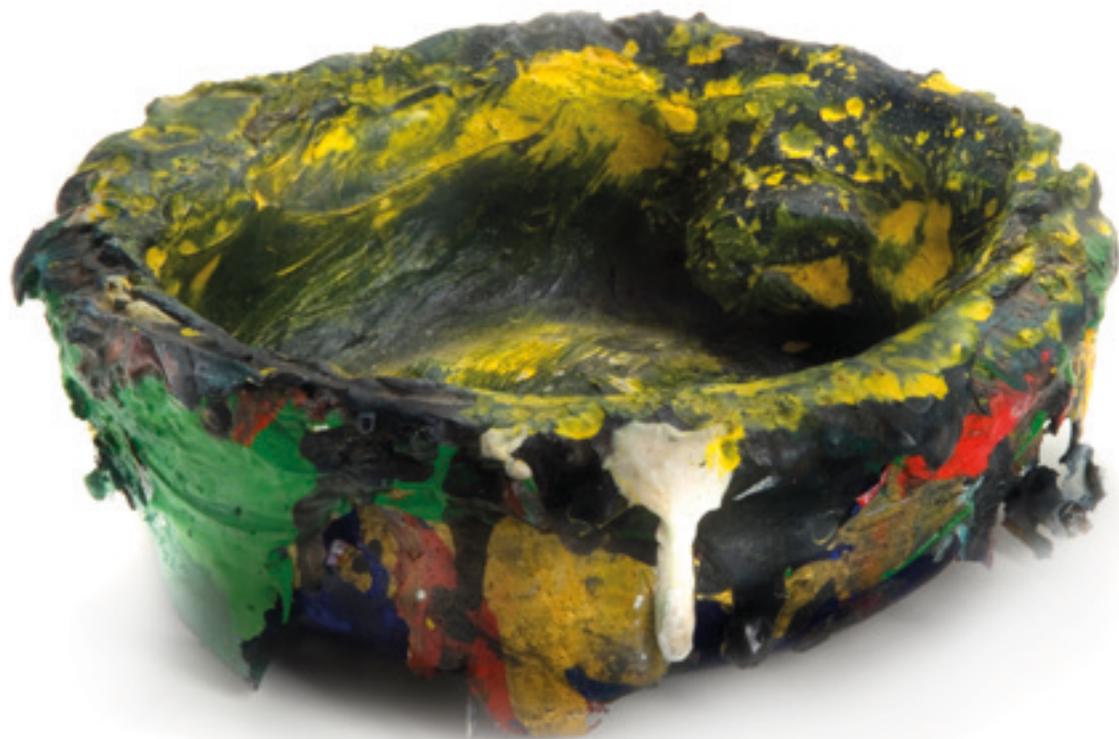












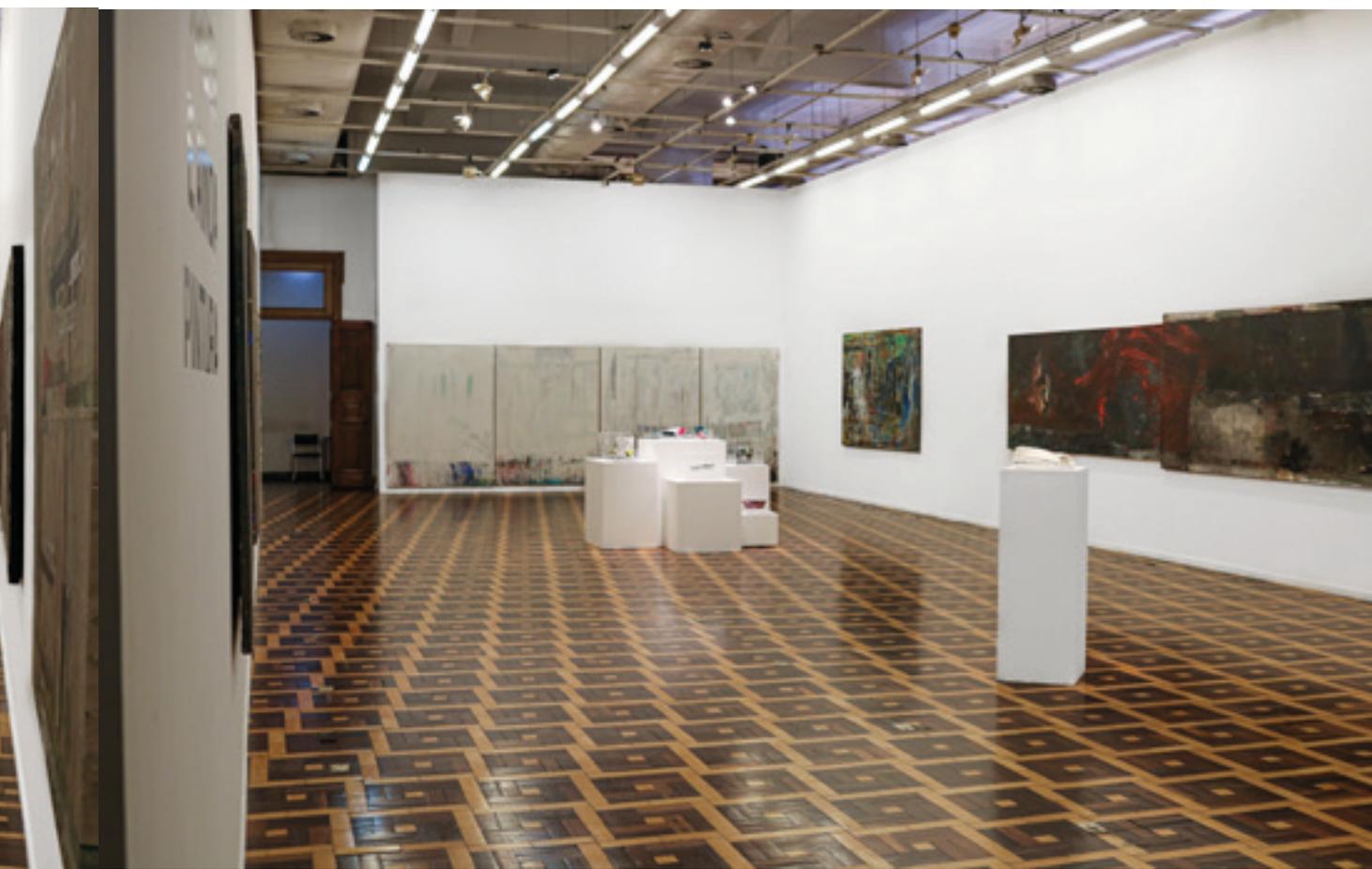












2. PICHAÇÕES:

1982/2019

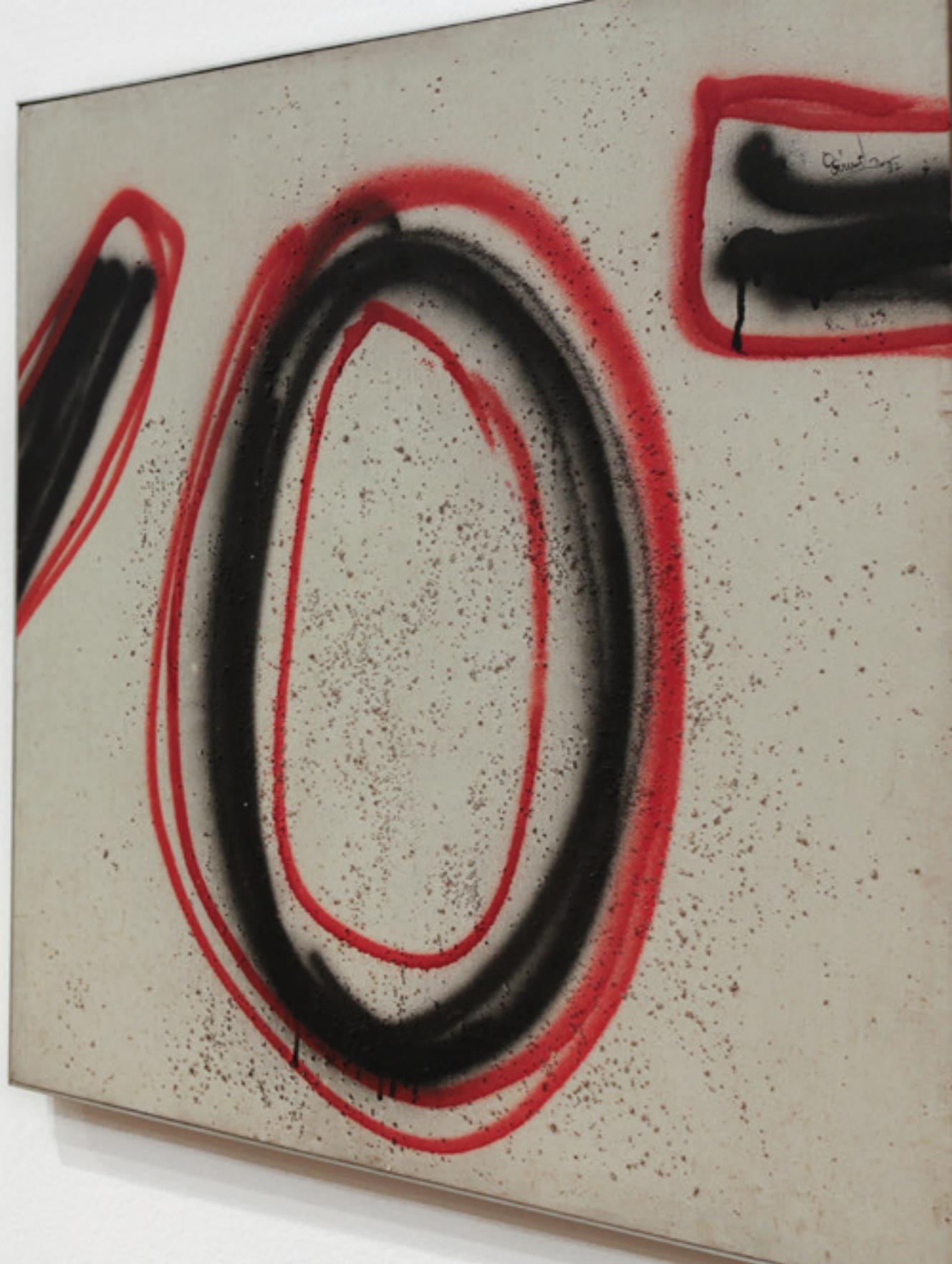
SALA PEDRO WEINGÄRTNER







11111

























Registros fotográficos da montagem da exposição
"Pichações", apresentada em 1982 no MARGS

1982

Museu de Arte do Rio Grande do Sul


MARCS

 SECRETARIA DE CULTURA, DESPORTO E TURISMO
 DEPARTAMENTO DE CULTURA
 MUSEU DE ARTE DO RIO GRANDE DO SUL

PICHAÇÕES

Exposição de Frantz

Data: 4 de novembro de 1982

Hora: 18,30

Local: Museu de Arte do Rio Grande do Sul

Endereço: Rua Sete de Setembro, 1010 - Porto Alegre - Rio Grande do Sul - Brasil

Patrocínio: Cambona Centro de Arte



Frantz mostra suas pichações no MARGS

Duas individuais e uma coletiva são as exposições que acontecem a partir de hoje. Deste grupo, destaca-se a série "Pichações", que o jovem Frantz apresenta no MARGS, a partir das 18h30min. Sérgio Thomas volta a expor, desta vez, quadros, onde utiliza números materiais, na Galeria Contemporânea (Círculo Social Israelita), às 20h30min. No saguão do 2º andar do IPE, acontece uma Mostra de Tapeçaria, reunindo trabalhos de alunos da Escola Superior de Artes de Cachoeira do Sul, a partir das 18h.

Frantz tem apenas 19 anos e já começa a aparecer com certo destaque no panorama artístico local. No XI Salão do Jovem Artista ele obteve Menção Honrosa com a série "Pichações", agora reunida no Museu de Arte. São cerca de 30 telas brancas onde utiliza spray, rolo e pincéis, criando uma série de mensagens cifradas.

Natural de Rio Pardo, onde desenvolve sua recém-iniciada carreira, Frantz estudou com Porcella, Danúbio e participou do Festival de Inverno de Diamantina (MG). Paralela a série de "Pichações", ele trabalha em aquarela, dentro de um estilo tradicional. Explicando diz: "A aquarela é minha calma, a pichação o meu desespero".

Thomas apresenta, desta vez, quadros, onde utiliza aço inox, espelho em acrílico e aerógrafo. Na mostra de tapeçaria, pode ser destacado que os trabalhos foram realizados sob orientação de Eluiza de Bem Vidal.



Pintura de Frantz

REGIONAL

Jovem artista de Rio Pardo inicia exposição no MARGS

Antonio Augusto Frantz Soares, jovem artista plástico de Rio Pardo, estará abrindo hoje, no Museu de Arte do Rio Grande do Sul, sua primeira exposição individual tendo como título o tema "Pichações".

O trabalho desta exposição foi iniciado há um ano e tem característica vanguardista já que utiliza como tema as pichações em muros e paredes, tão comuns nesta época. Frantz, nascido em Rio Pardo ainda não completou 20 anos de idade e trabalha com a-

quarela desde 1979. Seu trabalho foi reconhecido a partir da menção honrosa no XI Salão do Jovem Artista, em Porto Alegre e o destaque em curso de desenho promovido durante o mês de agosto pelo Margs.

A Exposição

Aberta a partir de hoje, às 18h30min no Margs, a exposição de Frantz "Pichações" procura mostrar a influência das pichações urbanas na vida das pessoas. Com este trabalho um tanto agressivo, Frantz busca uma característica cromática. O material utilizado por Frantz é o mesmo usado nas pichações de rua: rolos, sprays, que possibilitam a divulgação de pensamentos e manifestações anônimas, em alguns casos políticas, mas com um tom enfadonho, para que um número maior de pessoas possam ver e ler.

Frantz já havia realizado um individual em Rio Pardo sobre os assuntos por ele realizados quando esteve em Ouro Preto e demais cidades históricas de Minas Gerais, no ano passado. Também em si ele realizou estudos com Paulo Porcella e Danúbio Gonçalves, mas esta exposição que inicia logo no Margs é sua primeira aparição individual em Porto Alegre.



Frantz

GAZETA DO SUL - Santa Cruz do Sul, quinta-feira, 4 de novembro de 1982 - Pág. 11

Reflexivas pichações

Nesta época em que as pichações políticas poluem o visual da cidade, Frantz, jovem artista de Rio Pardo, apresenta uma proposta de pintura tendo como tema pichações. Ao contrário do que muitos podem supor, não se trata de uma atitude oportunista, feita para aproveitar os fluidos das campanhas eleitorais.

Na verdade é uma pesquisa, iniciada há algum tempo, e já destacada com uma Menção Honrosa na última edição do Salão do Jovem Artista.

Tendo como ponto de partida a tela branca, algumas preparadas com acrílico ou areia, sugerindo uma superfície áspera e porosa (como os muros e paredes onde são comuns as pichações), Frantz cria através de meias palavras, letras ou simplesmente tinta escurrida, uma linguagem de signos bem contemporânea. Estas inscrições, ao mesmo tempo, sugerem agressividade de uma época mar-



Pintura de Frantz

cada pela violência visual e instigam a imaginação do espectador.

Usando cores quentes, com predomínio do preto e vermelho, através do spray, rolo e até pincel, es-

te jovem de 19 anos lança uma pesquisa extremamente pessoal que o diferencia da maioria dos novos. Ainda existem resquícios de um certo panfletarismo, principalmente quando as palavras são usadas quase por inteiro, impedindo a sutileza da sugestão. Mas também são encontrados sinais de uma salutar evolução, rumo a abstração, através da eliminação dos elementos. Tratando-se de um artista iniciante, existe expectativa de um gradativo amadurecimento desta experimentação criadora. (DP)

FRANTZ: Técnica: pintura; N° trabalhos: 24; Ano produção: 1982; Preços: Cr\$ 20 mil; Local: Museu de Arte do Rio Grande do Sul, até a próxima semana.

Houve um tempo brasileiro
 quando se protestava, se dava
 opinião, se escolhiam os lados.
 Era pelo, era artista. Todos
 tinham opinião. Antes foi o tempo
 obscuro cuja ideia única, pitoresca
 muito faziam do brasileiro uma
 massa uniforme, que aliás era
 regida por uniformes.
 Frantz falou atitudes das fcluzões,
 que não eram dele, eram dos
 Museus, dos meos e finalmente das
 Vieiras mal-illumadas.
 O protesto foi transportado para a
 tela, dizenhos e gravuras.
 Foi a obra em que o Museu de
 Arte do Rio grande do Sul ordena

fazer e protestar um artista
 humilhante ^{com} sua primeira
 exposição individual. Estes e/da
 de ou Sadia já passaram.
 O belo que totêis, aquele que
 exalta, está hoje na nota.
 Os artes plásticas dissecam sim
 pela a desolação
 Os protestos se calaram, as
 opiniões são unânimes. É uma
 e/da ou uma posição estética?
 Hoje Frantz volta; só espero
 que volte a incomodar como
 antigamente e que alguém
 dê sua opinião. É o que está
 faltando.
 TATATA Pimentel
 Março - 2001
 Uma odisséia sem eslabo.



X

LIBER

LIBER

LIBER

LIBER



Graffitis saltam das paredes para os espaços das galerias



Os graffitis, em outras épocas muito populares em Porto Alegre, atualmente estão sob o domínio da propaganda eleitoral, sendo os símbolos do comunismo em Paris, ao ponto de serem, inclusive, estudados e classificados, baseados nos teóricos da arte.

O que são graffitis? A palavra vem do italiano, embora a técnica ou tendência artística tenha nascido em Nova York. São desenhos ou escritos que cobrem as paredes e os muros das grandes cidades, tornando-se uma manifestação, em primeiro lugar, de protesto, e em seguida, uma ocupação de espaço de forma a atingir a sensibilidade estética das pessoas. Segundo o artista Frantz, um dos maiores graffitis mais conhecidos, "o graffiti é uma, às vezes duas ou três palavras, se comunicando num mesmo espaço, o que faz surgir sempre uma proposta nova. Uma proposta muito espontânea, porque embora o graffiti precise e exija planejamento e que vai fazer, a pessoa acaba levando à espontaneidade. Afinal, sempre pode aparecer um guardião dono-davaria. Na metade do tempo a tinta escurece, ou acaba o spray, e a gente tem que inventar."

ORIGENS

Desde o início dos anos 80, inspirados nos conglomerados americanos, jovens pintores franceses resolveram levar seus trabalhos para as ruas e tomar a cidade de assalto. Eles queriam popularizar a arte, levando-a à um público que só poderia frequentar museus ou galerias de arte. E claro que se esse trabalho fosse feito em uma notoriedade ou a possibilidade de estar no registro marcado das artes, ninguém vai ficar chateado.

Em Paris é possível observar em atividades diferentes grupos, com técnicas e tendências próprias. No primeiro, estão aqueles que se apropriam da irregularidade da noite e saem pelas ruas a riscar e riscar, sem medo, os grandes edifícios publicitários. A filosofia do grupo é que, se você desaja ser reconhecido, deve aparecer a maior taxa de exposição do mundo: os edifícios e as galerias do metrô de Paris.

Outras autazes evitam os cantos, as paredes e usam as primeiras vagões do metrô, num desafio à estética e às autoridades.

TÉCNICAS

Outros grupos, que preferem não cometer riscos, criam moldes recortados, por onde basta passar um pouco de tinta, para pintar desenhos de palavras. Quem não temia dos tradicionais chapéus-côco, que um ano ou dois atrás inundaram os muros de Porto Alegre? E uma técnica rápida e furtiva, com a qual o artista vai deixando seu rastro por toda cidade, na esperança de ficar na memória dos que passarem.

sem, enviada de uma mensagem registrada na parede.

Em Paris, esta técnica é cada vez mais utilizada por militantes políticos, em especial os que defendem os direitos humanos e lutam pela liberdade de Nelson Mandela ou contra o apartheid na África do Sul.

No grupo dos "verbetes" parisienses, a técnica também está evoluindo. As escovas guardadas com spray estão caindo, lugar a letras gotejantes, prontamente mudadas e corrigidas, e que são afiadas nas ruas com todo cuidado. É uma técnica conhecida na publicidade, só que seus autores não querem vender nada, apenas divulgar as ideias de seus grupos.

REVEION

Talvez num futuro próximo, o graffiti venha a ser considerado a arte dos anos 80. O certo é que o processo noturno de começar a ser visto e ignorado. Ainda em Paris, no final do ano passado, várias pessoas — entre elas os principais críticos de arte e marchando franceses — foram convidados a pagar uma garrafa e tomar o primeiro metrô de 80, rumo à estação central. Os que atenderam ao convite, foram surpreendidos na chegada com a música de grandes faixas, preparadas nos estúdios dos artistas e levadas durante a noite para o metrô. A festa só não aconteceu porque a polícia não teve muito espírito "revelado", e distribuiu a mercadoria.

Outra demonstração do sucesso do graffiti foi a mostra organizada pela Mercedes-Benz para marcar seu centésimo aniversário, foram reunidos cem graffitis, que puderam expor legalmente em espaços cedidos pela empresa.

ARQUEOLOGIA

Em Porto Alegre, quem visitou o 2º Salão Nacional de Artes Plásticas, no MARCOS, pode ver entre as obras apresentadas, três letras de Frantz. O artista alega que sua arte não é nova. Afinal, as marcas em concreto são apenas os primeiros graffitis? E o que dizer da longa tradição de técnica, perpetuada em milhares de trabalhos públicos em todas as partes do mundo? Frantz diz que sua arte tem muito do que pode ser chamado "arqueologia da comunicação do urbano", já que sua obra é um registro do que está nas paredes da cidade.

"Não há nada do mesmo espaço e o mesmo tempo de rua. Trabalho com spray, e mesmo o anúncio ou o não fica lá, registrado", explica Frantz, que ainda acrescenta: "Tento que imaginar a palavra que passa, que suga, que move. Parece muito fácil, mas não é. O trabalho deve dominar, e junto com o spray, outros materiais, como pedras e pedaços de papel, também são usados".

Só está a arte dos anos 80?

Frantz, vários 'xis'

O gaúcho Frantz criticando a desorganização da Mostra de Arte



Afinal, onde está o "X" da questão? Resposta difícil e ampla, mas no momento ela pode ser encontrada na galeria da Casa da Cultura, local que o artista plástico Adriano Augusto Frantz usava escolhida para mostrar desenhos da série "X-exercício para um grande impasse". "Tento criar sem ser óbvio", argumenta Frantz, gaúcho de Rio Pardo, interior de Rio Grande, que, de cara, teve de enfrentar um problema: os convites para a exposição só ficaram prontos na tarde de terça-feira, 27, dia da abertura.

Memmo que tivessem sido colocados no Corrio um dia antes, só chegam aos destinatários um dia depois", lembra. O equívoco, no entanto, não se limitou a esse detalhe, pois os convites foram erroneamente impressos, o que deixou o gaúcho ainda mais à vontade para criticar o Museu de Arte de Santa Catarina, responsável pela organização da mostra e impressão dos convites. De quebra, dirigiu-se às baterias para a Fundação Catarinense de Cultura, contra as chamadas decisões artístico-culturais.

CAPACIDADE

"A gráfica imprimiu os convites dados na frente e verso e não colocou o logotipo do Governo Estadual ou o timbre da FCC. Em Paris conclui que eles não se preocuparam nem em

revisar. Afinal, isso poderia trazer dividendos políticos e promocionais. Não tiveram a capacidade de checar o que eles próprios pagaram". Frantz acha que é desonroso de um órgão (a Fundação) para com outro de sua responsabilidade, o Marc, e levanta a segunda "leitura", má administração do dinheiro, aliada a um pouco de incompetência.

O diretor do Museu de Arte, Hariz Lina, explicou e contestou, justificando o erro por problemas técnicos. "Os convites poderiam ter sido produzidos pela Imprensa Oficial do Estado, mas a ideia teria de fazer um pedido para a despesa — técnica complexa. Como a FCC ainda mal das pernas (financeiramente), o órgão oficial não respondeu. Para imprimir em outro local, a ideia seria autorizar", conta Lina, mas aí a memória de Lina se confundiu com as atitudes das antes da exposição, e os impressos só ficaram prontos no dia.

E depois de tantos equívocos, Frantz ainda encontrou tempo para falar de seu trabalho, descontentado e cheio de um elemento "X", podendo pintar sem depender de suporte. "Na verdade, eu uso massa de tinta, que não quebra, não reforma e não solta". Quanto à mostra, ele espera que os responsáveis pela cultura de Santa Catarina não o tomem como exemplo de organização para futuros eventos.



"X, ou Exercício para um grande impasse" (uma das obras expostas)



Frantz mostra o X da questão

A partir desta quarta-feira até o último dia do mês de julho, o artista gaúcho Frantz vai encher a Galeria Metropolitana de Arte Aloysio Magalhães com as suas diabruras sobre tintas, que empresta a sua obra um tom e ao mesmo tempo técnico e lúdico.

As duas exposições encerradas numa só intitulada de "Exercícios para um grande impasse" teve início nas pichações onde o artista foi aos poucos seccionando as palavras e descobrindo novos significados que transcendiam da esfera gráfica para a visual.

Nesta cirurgia de palavras, Frantz encontrou o X como a própria razão de suas telas. "O X é um elemento que não exige complementação e, ao mesmo tempo, converte para si contradições como a marcação e a anulação". Utilizando, pois, o X, o artista buscou as di-

versas formas de expressão plástica, técnicas e de materiais de execução na confecção deste símbolo.

A exposição conta com duas fases distintas sobre um mesmo tema. Na primeira, o artista utiliza o papel e a tinta para a execução do elemento gráfico. Na outra, o suporte é a própria tinta, fazendo da tela pintura e objeto. Dobráveis e moldáveis estas obras foram realizadas após exaustivas pesquisas e testes em laboratórios para se descobrir que tipo de tinta permaneceria íntegra sem o apoio de uma tela ou papel.

No vernissage, a partir das 21 horas, Frantz promoverá uma palestra onde mostrará através de recurso audiovisual todo o encaminhamento da técnica desempenhada por ele. Uma exposição de grafite - performance do gaúcho Frantz, também, estará à mostra no espaço "Arte em Trânsito", da Galeria Aloysio Magalhães.

FRANTZ: o pichador revelado

Por que se picha tanto neste País? Afinal, quem são os pichadores? De um momento para o outro sem ingenuidade, mas com persistência, as pessoas se põem a riscar paredes, monumentos, enfim toda e qualquer superfície que possa acolher mensagens políticas, românticas, engraçadas - como aquela, que em tempo atrás, surgiu em Santa Maria: «Felicidade é vomitar sorvete de chocolate».

O processo é o chamado pichamento (derivado do produto de destilarias do alcatrão ou da terebentina, que antecedeu ao moderno e prático spray) ou o moderno «grafite» (termo científico) que, no início dos anos 70 surgiu primeiramente nos Estados Unidos e a partir de 1978, no Brasil.

Uma das características da pichação é que seu autor sempre é anônimo. Entretanto, há alguém no Rio Grande do Sul que resolveu assinar as suas.

A partir de hoje, às 17h, na Galeria Gaiger o artista Frantz estará mostrando suas pinturas. Ele está radicado em Porto Alegre e vem se destacando como um dos novos artistas. Participou do Projeto Outdoors da comemoração dos 20 anos de Zero Hora, realizado no início do ano na Capital.

Em 1984 participou de várias coletivas e do Salão de Arte de Santa Maria, onde recebeu o prêmio Universidade Federal de Santa Maria e agora está participando, juntamente com outros 10 artistas de uma exposição de arte gaúcha no Paço das Artes em São Paulo, mostra que se entenderá depois para o Rio de Janeiro.



Os trabalhos apresentados na Galeria Gaiger são trabalhos considerados pequenos pelo artista, pois medem na maioria 50 x 50 cm e 70 x 70cm. Independente do seu tamanho é inegável que Frantz, nascido em Rio Pardo, soube, com muita percep-

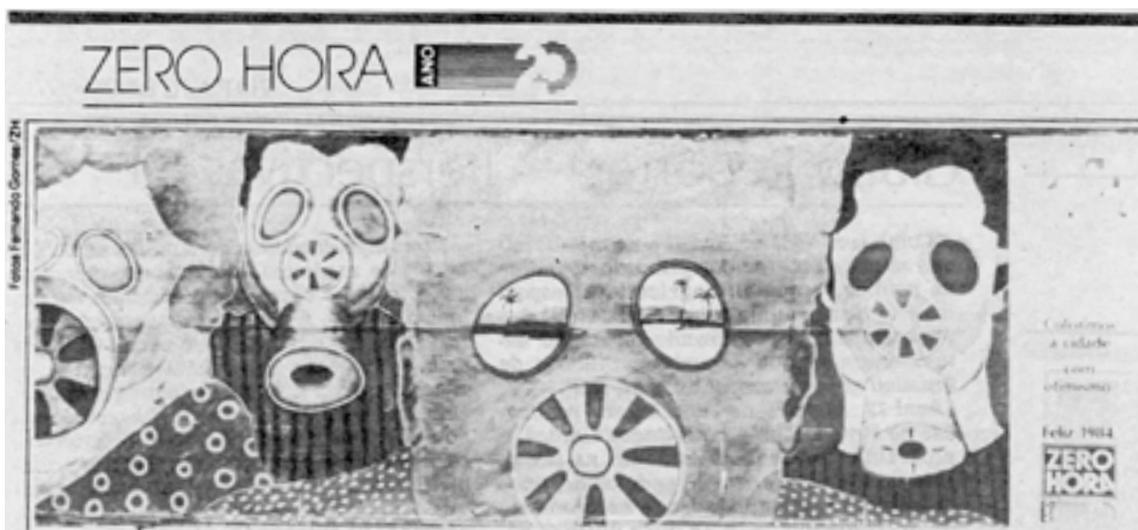
cácia e inteligência, assumir o discurso da época. Transpôs as telas a vontade de protes-

tar, a vontade de dizer e ser ouvido. Suas pichações nos falam muito. Percebe-se a permeação artística. Nada acontece por mera fantasia ou capricho artístico.

As pessoas picham muito para registrar uma insatisfação ou reivindicação, ficando incôgnitas e assim se isentando de responsabilidade. E de se perguntar se Frantz picha pelas mesmas razões. As cores, quase um excesso de cor, num primeiro momento levam a assegurar que ele está expressando com muita consciência, o que pensa de uma situação que, diretamente, lhe causa desconforto.

Por outro lado, o trabalho aponta um caminho, porque é voz, vida. O «lambuzo» das tintas lembra a bagueta. A tinta escurrida, o seu próprio movimento. Há vontade de passar um pano, mas o impulso é contido porque afinal, às vezes, é preciso desorganizar o espaço, sujar o chão. Somos estimulados a participar. Lembremos o fim da censura (será que realmente terminou?). Enfim sentimos nos gratificados com a coragem de alguém que resolveu suas pichações. (Neri Pedro)





Magliani: Túnel da Conceição esquina com Osvaldo Aranha

Frantz e Magliani, duas idéias diferentes

Quem transitar pelo Túnel da Conceição poderá ver alguns dos out-doors pintados pelos melhores artistas do Rio Grande do Sul dentro da promoção Feliz Ano Novo, realizada por Zero Hora dentro das comemorações dos seus 20 anos. No lado da Sarmiento Leite, verá o painel de Regina Ohlweiler, e na esquina com a Osvaldo Aranha poderá apreciar a pintura forte de Maria Lídia Magliani, onde estão

representados rostos cobertos por máscaras contra gases. Uma proposta bem diversa, em que o gesto de criar formas é mais livre, é a de Frantz, o grafiteiro da cidade. Utilizando a tinta em spray, ele misturou letras, números e figuras para fazer uma alegoria sobre o ano que está começando. O out-door de Frantz pode ser visto na Av. Ipiranga, esquina com Salvador França.



Frantz: Ipiranga esquina Salvador França

Os acertos e desacertos do II Encontro de Artistas

O grafiteiro Frantz, munido de uma lata de spray branco, fez seu comentário sobre o II Encontro Nacional de Artistas Plásticos Profissionais: desenhou marcas de pés subindo e ferraduras descendo as escadarias do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, local que sediou o evento. Isso foi, no mínimo, uma injustiça praticada pelo irreverente Frantz. Mas dá o que pensar. É inegável que várias decisões já tomadas significaram um retrocesso para a tão desejada organização da categoria. Mas, entre acertos e desacertos, resta aquela constatação da sabedoria popular: só não erra quem não faz. E o saldo, baixada a poeira dos embates, será muito positivo.

Entre os acertos, está o fato da Associação Chico Lisboa ter conseguido deslocar o eixo dessas reuniões de classe do Centro do País para o Rio Grande do Sul, trazendo uma oportunidade preciosa de troca de experiências e discussão de idéias com expressivos nomes das artes, da crítica e mesmo do mercado de artes.

Muitos artistas gaúchos presentes ao II Enapp brindaram a direção da Chico Lisboa com denúncias de centralismo nas decisões, reclamando que o corpo dos associados não participou da elaboração do programa do evento. A presidente da entidade, Liana Timm, reclamou por sua vez que a categoria não busca se informar sobre as atividades de seu órgão de classe e que, frente a essa omissão, alguém tem que tomar as iniciativas.



Na entrada do Museu, o protesto do grafiteiro Frantz

Essa discussão, impasse que já possui bastante ranço, mascara os fatos. E os fatos apontam para uma conclusão: o que está em jogo é a viabilidade da articulação dos artistas em uma entidade representativa que, exatamente por ter representatividade, possa exercer pressão visando mudanças estruturais na política cultural do Estado.

Uma facção dos artistas gaúchos presentes ao II Enapp considera que essa entidade representativa não é a Chico Lisboa, porque ela abriga em seus quadros as mais diferentes profissões. Ora, argumentam esses artistas, se a associação tende a formar um sindicato, como se pode entender um sindicato que reúna

várias categorias? E esta facção, que ganhou força após alguns incidentes ocorridos durante o Encontro, já começa a se articular para criar uma associação exclusivamente de artistas plásticos profissionais.

Reação Xenófoba

O ponto alto do II Enapp foram as palestras dos críticos Frederico Moraes e Aracy Amaral, do marchand Thomas Cohn e dos artistas Kate Scherpenberg, Iberê Camargo, Luis Paulo Baravelli, Raul Córdula e Vera Chaves Barcellos. Um time que abordou todos os ângulos do circuito das artes com grande objetividade e clareza,

dando o que pensar à numerosa platéia que os assistiu. Córdula, Vera e Aracy analisaram, cada um a seu modo, a polêmica questão da arte regional.

Se fosse um encontro de finalidades estritamente teóricas, tudo estaria perfeito. Mas e as questões específicas do artista no exercício de sua profissão? Foi essa indagação que gerou o acontecimento definidor do II Enapp. O vice-presidente da Associação Profissional dos Artistas Plásticos de São Paulo, Gilberto Salvador, denunciou a ausência de debates sobre direito autoral, o ICM nas obras de arte e vários outros pontos básicos da vida do artista plástico que se pretende não apenas um diletante mas uma pessoa que busca viver do seu ofício.

Gilberto não só denunciou como se retirou em sinal de protesto. E foi exatamente aí que se começou a misturar forma com conteúdo. E a maioria, numa reação xenófoba ("o que esses paulistas têm que se meter conosco?" era o que mais se ouvia) e equivocada, acabou confundindo profissionalismo com mercantilismo. Se alegou que os Paulistas são "uma minoria que visa benefícios próprios".

O toque grotesco ficou por conta de um dos grupos de trabalho em que se dividiu o plenário antes da votação final das moções. Eles sugeriram que, para o III Enapp, o evento fosse rebatizado como Encontro Nacional de Fazendeiros de Arte. O profissionalismo, mais uma vez, é de difícil entendimento pela província.

ABERTURA

XI SALÃO DO JOVEM ARTISTA

Os premiados em cinco categorias



O júri em seu trabalho de seleção das melhores

Das sete categorias inscritas no XI Salão do Jovem Artista, promovido da RBS e apoio da Secretaria Municipal de Educação e Cultura, apenas cinco receberam o prêmio-aquisição de Cr\$ 50 mil. O julgamento aconteceu terça-feira, 6 de julho, no Salão Executivo da RBS.

Na opinião do júri, formado por Roberto Pimentel, Jailton Moivre, vencedor do Salão no ano passado, José Luis do Amaral Neto, Marilene Pietá, Damiano Gonçalves, Luiz Inácio Franco de Medeiros, Luiz Carlos Felizardo, Pascho Pereira e Agilás Oliveira, os trabalhos apresentados nas categorias Pintura e Pro-

posta não tinham condições de ser premiados.

Na categoria Gravura, Isabel de Castro ficou com o primeiro lugar, seguida por Leila Maria Dias Dornelles, Moacir Chotzgin, Marisa Tereza Scopel e Otávio Lara Castro. Nesta categoria, foi concedido um prêmio-aquisição especial à obra de Maria Ivone dos Santos. Ercio Rossi foi o primeiro lugar de Desenho, com Astrid Münch em segundo, Mauro Fike em terceiro, Ronaldo Kipel em quarto e Fernando Limberger em quinto.

Fotografia classificou Oscar Lippe (prêmio-aquisição), mais E. Prati, Liane Neves da Silva, Luiz Antônio Peixi e Luiz Pettini, nessa ordem.

Eduardo Antunes foi o primeiro em Escultura, com Zan Figueiredo em segundo, Marl Amado de Araújo em terceiro, Sônia Saab em quarto e Ângela Pettini de Oliveira em quinto. Os premiados em Cerâmica: Neusa Maria Pelli Sporb (prêmio-aquisição) e diplomas de segundo e terceiro lugar a Marilias Ritter e Alaira Honeiser, respectivamente.

Além das obras premiadas, também estarão em exposição no Centro Municipal de Cultura, a partir do dia 14 de julho, outros trabalhos selecionados pelo júri e as três menções honrosas da categoria Pintura: Ilo Lemberg, Antônio Augusto Frach, Soares e Angelina Motta da Silva.

Destaques 82

Reverendo a obra de nomes consagrados



Desenho da obra 'Mascunaria' de Adolfo Beltrami

Ferido por volta de 120 trabalhos que acontecerão no decorrer de 1982, além de gravuras e esculturas, serão expostos também trabalhos realizados como locais educacionais para que se realizassem trabalhos educativos e culturais de caráter diversificado. Uma iniciativa que já havia sido realizada em 1978, e da realização da obra de nomes consagrados. São eles: Maria Ivone dos Santos, Ercio Rossi, Astrid Münch, Mauro Fike, Ronaldo Kipel, Fernando Limberger, José Luis do Amaral Neto, Marilene Pietá, Damiano Gonçalves, Luiz Inácio Franco de Medeiros, Luiz Carlos Felizardo, Pascho Pereira e Agilás Oliveira.

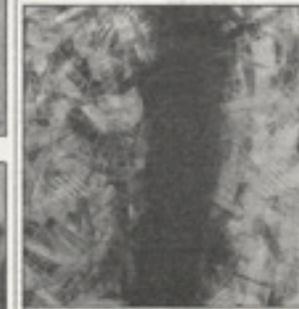
O Salão de Arte do Rio Grande do Sul teve em 1982 seu ano mais movimentado, tendo recebido a inauguração de quatro exposições por ocasião. O que ocorreu foi organizado na programação e também pelo próprio salão, organizado em torno de temas que se tornaram pontos de partida para a realização de trabalhos de caráter educativo e cultural. A programação foi organizada em torno de temas que se tornaram pontos de partida para a realização de trabalhos de caráter educativo e cultural.



Desenho de Wilson Cavalcanti



Uma das 'pinturas' de Chico Rosado



Desenho de Wilson Cavalcanti

ALICE BENEDETTI (gravura) - Uma das gravuras tradicionais de Alice Benediti, além de regular técnica, uma importância que a obra possui é a técnica utilizada.

JAILTON MOIVRE (pintura) - Representando a obra premiada, utilizando técnicas tradicionais e a técnica utilizada no trabalho artístico e técnico.

FRANK (pintura) - Trabalho da obra premiada, além de regular técnica, uma importância que a obra possui é a técnica utilizada.

ALICE BENEDETTI (gravura) - Uma das gravuras tradicionais de Alice Benediti, além de regular técnica, uma importância que a obra possui é a técnica utilizada.

JAILTON MOIVRE (pintura) - Representando a obra premiada, utilizando técnicas tradicionais e a técnica utilizada no trabalho artístico e técnico.

FRANK (pintura) - Trabalho da obra premiada, além de regular técnica, uma importância que a obra possui é a técnica utilizada.

WILSON CAVALLANTI (desenho) - Outra gravura, além de uma gravura que seja uma gravura educativa, mas extremamente vital, também sua importância é a técnica utilizada.

AMRILA - A CAIXA (gravura) - A gravura de Amrila, além de regular técnica, uma importância que a obra possui é a técnica utilizada.

ALICE BENEDETTI (gravura) - Uma das gravuras tradicionais de Alice Benediti, além de regular técnica, uma importância que a obra possui é a técnica utilizada.

JAILTON MOIVRE (pintura) - Representando a obra premiada, utilizando técnicas tradicionais e a técnica utilizada no trabalho artístico e técnico.

FRANK (pintura) - Trabalho da obra premiada, além de regular técnica, uma importância que a obra possui é a técnica utilizada.

ALICE BENEDETTI (gravura) - Uma das gravuras tradicionais de Alice Benediti, além de regular técnica, uma importância que a obra possui é a técnica utilizada.

JAILTON MOIVRE (pintura) - Representando a obra premiada, utilizando técnicas tradicionais e a técnica utilizada no trabalho artístico e técnico.

FRANK (pintura) - Trabalho da obra premiada, além de regular técnica, uma importância que a obra possui é a técnica utilizada.



Uma das 'pinturas' de Chico Rosado

: ERA UMA VELHA PSICADORA QUE DETONOU
 ESTOUPI SUAS LARGAS DE TÊNIA NO ASSO DA PÁTRIA
 E, PERCENDO FISSURAS NAS SURSÍTIAS DESTAS
 EMBALAGENS, LIBEROU SEU VAZIO TÍPICO DE AR
 PERCENDO FISSURAS TB DA MEMÓRIA, LETURAS
 DAS PERCENÇAS ARMARINHAS AO LONGO
 DE UMA VIDA, EXPERIÊNCIAS PESSOAS E COLE
 TIVAS
 AS FISSURAS, DA VISTORIA DE SAMOTRÁZIA OU DE
 UM MORGUINHADOR, SOLSTARDO, SALTARAN DE FENOS
 ROBERTAS, PELA AÇÃO DE MAIS AGUDES E DE UM
 OLHAR ABERTO, OS ESPECTADORES ATOMIADOS, UM POUCO
 CONFUSOS, OBSERVAVAM ESTOS SIGNIFICATIVOS, TANTA
 DOS SIGNIFICATIVOS
 LARGAS TRANSFORMADAS EM FISSURAS, ESCULTURAS
 INSTALAVAM RELAÇÕES NO MUNDO COM OS
 ARGUMENTOS ACHADOS - PERIÓDOS DA MEMÓRIA
 COLETIVA, E AS "HOMENAGENS" SÃO CITAÇÕES
 DE TANTOS OUTROS QUE BEM ANTES TRADUZIRAM
 OS CAMINHOS DA ARTE
 A TRAJETÓRIA DE FRANTZ TEM SA UM SIG.
 NSIADO, ESTAS PALAVRAS, NUM SÓGO DE JMAEENS,
 APUSÕES JHE FALEM A JESDA REPENSÃO.
 MARIA AMÉLIA BULHÕES

Texto da exposição individual "Esculturas e extruturas", em 1988, no MARGS

FRANTZ
 Frantz criou a sua obra, desde seu primeiro trabalho pela in
 pulsividade de sua atuação, embora tivesse algumas dúvidas sobre a pos
 sibilidade de levar adiante suas propostas. Afinal, tinha impulsiva
 e original costuma ser, no caso das artes plásticas, necessarias de
 sucesso rápido e público duradouro, que respondem às exigências de novi
 dades do mercado, sendo por ele rapidamente consumidas e descartadas.
 Na entanto, acompanhando de perto seu trabalho, pode, com satisfa
 ção vê-lo superar este lapso que se enlaca facilmente para os novos
 artistas, quando entram no circuito de arte.
 É bastante significativo o fato de Frantz dar-se conta desta contig
 gência e expressá-la no próprio título de alguns de seus trabalhos: "E
 xercícios para um grande impasse".
 Com os "exercícios", ele encontra sua resposta para esta problemá
 tica. É sua resposta é a pesquisa profunda e sistemática realizada no
 próprio fazer. Trata-se de um processo em que o fazer rotineiro e per
 sistente, aliado a uma experimentação oscura, vão enriquecendo e criando
 a grande tela de significados que hoje encontramos em seu trabalho.
 Partindo das "pilhagens" onde as palavras com seus significados e
 ran central na comunicação plástica, Frantz foi ao encontro de seccionar
 com e, neste fazer com o mundo novos significados, não são verbais
 mas progressivamente pictóricos.
 Nestes "exercícios" de significação, ele encontrou o X, como grande
 tema em si. Adotando o X como foco, Frantz disseminou em múltiplas arg
 lises e manipulações, pois como ele mesmo diz, o X é utilizado para
 marcação, para assinalação, sendo um símbolo que não exige complexa
 ção.
 Concomitantemente à manipulação dos significados deste símbolo ele
 trabalha suas possíveis formas de expressão plástica, técnicas e ma
 teriais de execução. Como produto destas elaborações, Frantz tem org
 sente trabalhos que tem como suporte a própria tinta, sendo no mesmo
 tempo pinturas e objetos, dobráveis, dobráveis, entre formas constitu
 em brinquedos que aliam a imaginação e a inventividade do espectador.
 Desta forma Frantz consegue preservar a espontaneidade e o lúdico
 de seus trabalhos iniciais das "pilhagens", desenvolvendo, em seu
 processo de pesquisa, com todo o rigor de inovação, não a inovação em
 consequência de uma simples descoberta racional, mas a inovação em
 um espaço que ao mesmo tempo a busca do espontaneísmo e do lúdico e
 a consistência que é fruto do trabalho permanente.
 Maria Amélia Bulhões

Texto por ocasião de exposição na galeria Macunaíma, em 1987

PICHAÇÕES

Este segundo eixo da exposição "Frantz - Também e ainda pintura" revisita um episódio do passado em que a história do artista e a história do MARGS se interseccionam.

Em 1982, Frantz apresentou no museu a exposição "Pichações". Nesta, mostrava suas pinturas baseadas nas intervenções escritas que encontrava nos muros, muitas delas de caráter político e subversivo, e que depois o levariam a outras obras, como a série pintada pela presença recorrente e expressiva do X, este símbolo duvidoso, que ao mesmo tempo significa anulação e opção.

Foi uma exposição audaz, e também provocativa, tanto pelo fato de um museu apresentar pichações legitimando-as como pintura, como por se tratar de um jovem artista, então com 19 anos.

Passadas quase quatro décadas, "Pichações" é agora remontada aqui, na Sala Pedro Biondini, procurando emular o significado e a experiência da exposição original ao reunir a quase totalidade dos trabalhos expostos em 1982, à maneira como foram apresentados. São obras que hoje se encontram em coleções particulares e acervos públicos, a exemplo do próprio MARGS.

Complementam a experiência advinda dessa remontagem da exposição outras obras relacionadas à série "Pichações", além de uma reunião de documentos históricos, procedentes do arquivo pessoal do artista e do fundo de documentação e Pesquisa do museu.

Nesse sentido, "Frantz - Também e ainda pintura" consiste no ato inaugural de um ciclo expositivo e curatorial desta gestão intitulado "História do MARGS como História das Exposições", com o qual se pretende ressaltar episódios da história do museu - e de artistas que nele estiveram - a partir de exposições emblemáticas do passado.

MARGS

M|A|R|G|S

1982

2019



Illegible text on a glass display case.



3. LIQUID

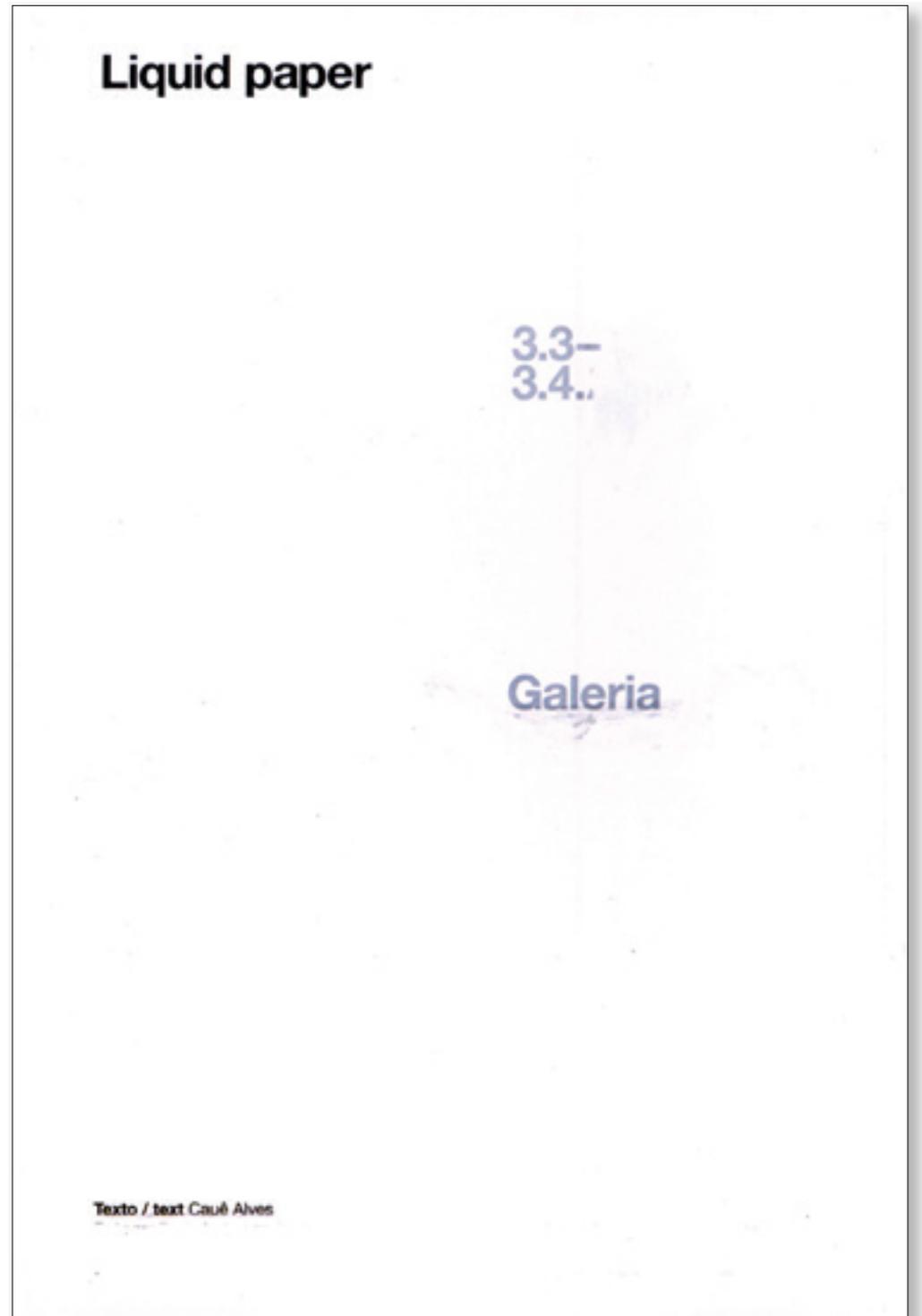
PAPER

SALA ANGELO GUIDO













o ausente

Os corretivos líquidos cumprem sua função ao encobrirem erros de grafia com tinta branca. Mas além de apagar uma palavra mal empregada ou que escapa à norma, o corretivo pode ter outros sentidos. Ele indica que há algo entre o que foi apagado e o novo gesto. É índice que torna presente algo que não está mais aí. *Liquid paper*, o que importa não é tanto a função literal de corrigir, mas o sentido do refazer, de um retorno ao estágio anterior que o tempo objetivo impossibilitaria, uma vez que a volta já pressupõe a consciência que antes não se tinha.

Não é de hoje que a pintura está livre para dispensar cânones e paradigmas que permitam um julgamento sobre o certo e o errado. Portanto, a princípio, não há erro em pintura, uma vez que não há gramática pré-definida. Especialmente no caso o processo se dá a partir da construção de camadas em que figuras surgem, são cobertas e repintadas. Assim, o espaço vai se adensando conforme a matéria da tinta é sobreposta. Há em seu trabalho um constante reconhecimento que é também uma procura incessante. Tudo se passa como se as soluções já estivessem no interior da pintura, no fundo da tela, e fossem parcialmente recuperadas. A profundidade da pintura é tecida pelo avesso, num movimento do fundo para o primeiro plano e vice-versa. Mas nesse processo, ao contrário do mecanismo de uma tela de computador, nem todas as "imperfeições" são apagadas. Parte da memória do fazer da pintura é presente depois que o trabalho é dado por acabado. De fato, é do embate entre o feito e o refeito que sua pintura se configura.

Na linguagem falada, mesmo que o orador corrija uma frase ou um termo mal pronunciado, não há como voltar atrás. Não dá para retornar no tempo e refazer o discurso. Na pintura o processo é semelhante, mas como o público não acompanha de perto a sua elaboração o que se vê é um conjunto de camadas simultâneas, desde as opacas até as mais transparentes. Diante da pintura não sabemos ao certo o que está na frente ou no fundo, o que veio antes ou depois. O tempo de

pintura não é objetivo, ele se apresenta de modo não linear. Trata-se de uma profusão de tempos concomitantes, que reúnem meses de trabalho. A pintura aparece como um conjunto de gestos sincrônicos que não se mostram a partir de um processo evolutivo. Todas as pinceladas coincidem no presente e no campo da tela, mesmo que estejam submersas e cobertas por outras. Mas um presente que carrega parte do processo que o originou e um pouquinho do futuro: a própria recepção do trabalho.

Nas pinturas recentes há continuidade nos movimentos que formam espécies de linhas. Uma pincelada se enlaça na outra e na seguinte. E entre elas surgem figuras preenchidas por massas de cor que estavam no fundo ou que talvez vieram mais tarde. Em vez de estruturas retas compostas de losangos, as telas atuais são cheias. Entre um ponto e outro há mais desvios, curvas e ornamentos. O resultado é também uma grade que estrutura a pintura, mas com formas mais orgânicas. Em algumas telas, como *Fortuna*, parecem cair de áreas mais carregadas e densas. Uma espécie de chuva que não é apenas espaço preenchido, porque tão relevante quanto ela é o que está entre um e outro e que não é exatamente o fundo. A pintura parece desfazer a regra de que para toda figura percebida há um fundo. O espaço intermediário entre figuras é o protagonista de vários trabalhos.

É de do que está entre que sua pintura se alimenta, entre o significante e o significado, entre a figura apagada e o seu retorno, entre o explícito e o implícito. torna visível o que pode haver entre o necessário, o que não poderia ser diferente e que é imprescindível, e o contingente, o indeterminado, que é pura liberdade.

Cauê Alves é professor

É curador e colaborador de diversas publicações sobre arte.

The absence

Liquid correctives fulfill their function by covering errors in spelling with white ink. Still, besides erasing a word which has been misused or which strays from the norm, the corrective function may have other meanings. It indicates that there is something in between what was erased and the new aspect; it is an indicator of a presence of something that isn't anymore. In the *Liquid-paper display*, what matters is not the literal function of a correction, but one of renewal, the return to a stage prior to the objective time.

It has long been known that painting is free to dispense dogmas and paradigms which allow a judgment between what is right or wrong. Therefore, in essence, there is no error in painting, since there is no predefined structure. In the case of the process of elaboration is given by the construction of layers in which figures emerge, are covered and repainted. In this manner, the space deepens as the material of the paint is overlaid. Furthermore, inherent to her work is the duality of a constant renewal which is also an incessant search. It's as if the paintings have always withheld a solution which has been now partially recovered. Also, the depth of the painting is composed in counteremotion, by movement from the core to the foreground and vice-versa. Interestingly, in this process, contrarily to the mechanism of a computer screen, not all "imperfections" are erased. The painting therefore contains a relic which is present until even after it is finished. In fact, it is of the conflict between the becoming and the forthcoming that the painting is composed.

In spoken language, even if an orator corrects a phrase or a mispronounced term, the damage is done. There is no possibility of going back in time and correcting the speech. In painting, the process is analogous, but since the public doesn't closely accompany its elaboration, what is seen is a number of layers which may seem, even from the most opaque to the most transparent, simultaneous, but which are in fact very select and depurated. In face of painting, it is not possible to clearly

Cauê Alves

ascertain the correct order of the overlay or of what came first or last. Her paintings presuppose months of work, but this is a period of time that shouldn't be measured quantitatively. The painting, which appears as an assemblage of synchronic acts, would never be comprehended by the mere analysis of its evolutionary elaborative process. All the brushstrokes coincide silently in the present, even if submerged and covered by others. It is a present that carries part of the process of which it originated from and also, a small part of the future: the reception of the work.

In recent paintings by the artist there is continuity in the movements that form specific sort of lines. One brushstroke is entwined with the other and the next, and between them emerge figures filled by masses of colors that were either already in the core or which came later. Instead of straight geometric structures, the current painting is full of deviations, curves and ornaments. The result is a grid composed of organic forms that structure the painting. In some paintings, as for example *Fortuna*, appear to fall from heavier and deeper areas. A type of rain which is not merely filled up space because what lies in between the circles is just as relevant and still, not necessarily the core. The paintings seem to undo the rule that for each perceived figure there is a core. The intermediary space between the figures is the protagonist of many works.

The painting feeds off of what lies in between: what lies amongst the meaningful and the meaning, the erased figure and its return, and the explicit and the implicit. makes visible that which may be in between the necessary, that which could not be any different and which is essential, and the contingent, the undetermined that is pure freedom.

Cauê Alves is a professor

is curator and a collaborator to a variety of publications about art.

LISTA DE OBRAS DA EXPOSIÇÃO

1. PINTURAS- NÃO-PINTADAS

Foyer do MARGS

Sem título, 2017
Tinta sobre tela
348 x 140 cm
Coleção particular

Sem título, 2017
Tinta sobre tela e vidro
225 x 300 cm
Coleção particular

Galeria João Fahrion

Sem título, 2010
Tinta sobre tela
135 x 600 cm
Coleção particular

Sem título, 1998
Tinta sobre tela
140 x 280 cm
Coleção particular

Sem título, 1997
Tinta sobre tela
150 x 240 cm
Coleção particular

Sem título, 1999
Tinta sobre tela
200 x 550 cm (tríptico)
Coleção particular

Sem título, 2014
Tinta sobre tela
200 x 170 cm
Coleção particular

Sem título, 1998
Tinta sobre tela
170 x 270 cm
Coleção particular

Série “Aquele que lá não está”, 2014/2019
Objetos de tinta acrílica
18 obras (dimensões variadas)
Coleção particular e Acervo MARGS (ver obras nas páginas 134 e 135)

Sem título, 2011
Tinta sobre tela
150 x 220 cm
Coleção particular

Sem título, 2013/2014
Tinta sobre tela
Dimensões variadas
Coleção particular

“Parede dobrada”, 2014
Tinta acrílica
150 x 150 cm
Coleção particular

2. PICHACÕES: 1982/2019

Sala Pedro Weingärtner

Sem título, 1985
Tinta acrílica sobre tela
199 x 35 cm
Acervo Fundação Vera Chaves Barcellos (FVCB)

“Pichação 38”, da série “Escorridos III”, 1983
Tinta acrílica sobre tela
50,5 x 69,5 cm
Acervo Fundação Vera Chaves Barcellos (FVCB)

“Pichação 31 e 32”, 1982
140 x 70 cm
Acervo Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MAC-RS), aquisição por doação de Renato Rosa, 2012

“Pichação”, 1981
Tinta acrílica e spray sobre tela
70 x 70 cm
Acervo Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), aquisição por doação do artista, 2011

“Pichação”, 1981
Tinta acrílica e spray sobre tela
70 x 70 cm
Acervo Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), aquisição por doação do artista, 2011

Sem título, 1982
Tinta acrílica e spray sobre tela
70 x 70 cm
Coleção particular

Sem título, 1982
Tinta acrílica e spray sobre tela
70 x 70 cm
Coleção particular

“Pichação 6”, 1982
Tinta acrílica e spray sobre tela
70 x 70 cm
Coleção particular

“Pichação 10”, 1982
Tinta acrílica e spray sobre tela
70 x 70 cm
Coleção particular

“Pichação 51”, 1982
Tinta acrílica e spray sobre tela
70 x 70 cm
Coleção de Paula Ramos

“Pichação 30”, 1982
Tinta acrílica e spray sobre tela
70 x 70 cm
Coleção de Beto Zambonato

“Pichação 24”, 1982
Tinta acrílica e spray sobre tela
70 x 70 cm
Coleção particular

“Exercício para um grande impasse”, 1984/1985
Tinta acrílica e spray sobre papel
44 obras (50 x 50 cm cada uma)
Coleção particular

3. LIQUID PAPER

Sala Angelo Guido

“Liquid Paper”, 2019
Interferência sobre catálogo
20,2 x 13,5 x 1 cm
Coleção particular

“Liquid Paper”, 2019
Livro de artista contendo 19 impressões digitais em papel
48,5 x 33 cm (cada)
Acervo Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), aquisição por doação do artista, 2022

PROGRAMA PÚBLICO

O Programa Público da exposição “Frantz — Também e ainda pintura” contou com uma fala no auditório do Museu, no dia 25.07.2019, intitulada “História das Exposições como abordagem curatorial”.

Na ocasião, o artista Frantz e o diretor-curador do MARGS, Francisco Dalcol, falaram ao público sobre a experiência do resgate e da remontagem da exposição “Pichações” (1982), um dos três eixos da mostra de 2019.

Juntamente ao relato curatorial, foi apresentada ao público a fundamentação conceitual e teórica que a curadoria adotou para mobilizar a História das Exposições enquanto estratégia e metodologia curatorial.

A remontagem de “Pichações” como um dos eixos de “Também e ainda pintura” inaugurou o programa expositivo intitulado “História do MARGS como História das Exposições”. Seu objetivo é trabalhar a memória da instituição de uma maneira inovadora, abordando a história do Museu, as obras e constituição de seu Acervo Artístico e a trajetória e produção de artistas que nele expuseram, resultando em projetos curatoriais que revisitam, resgatam e reexaminam episódios, eventos e exposições emblemáticas do passado do MARGS, de modo a compreender sua inserção e recepção públicas.



Frantz e Francisco Dalcol no evento realizado no auditório do MARGS



OBRAS NO ACERVO DO MARGS



Sem título, 1988
Litogravura, 69,5 x 49,9 (53,5 x 36) cm
Acervo MARGS, aquisição por doação do
MAM Atelier de Litografia de Porto Alegre, 2000



Sem título, 1988
Litogravura, 50,2 x 69,8 (43 x 49,5) cm
Acervo MARGS, aquisição por doação do
MAM Atelier de Litografia de Porto Alegre, 2000



Sem título, 1988
Litogravura, 60 x 39,5 cm
Acervo MARGS, aquisição por doação do MAM
Atelier de Litografia de Porto Alegre, 2000



Sem título, 1985
Pintura sobre papel, 50 x 50 cm
Acervo MARGS, aquisição por
doação do artista, 2011



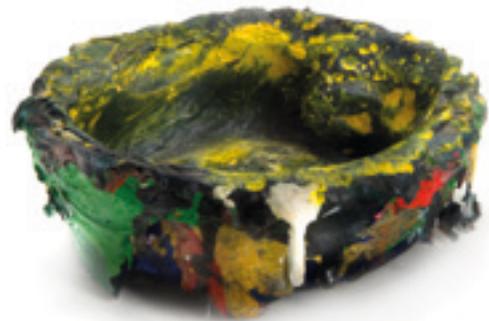
Sem título, 1985
Pintura sobre papel, 50 x 50 cm
Acervo MARGS, aquisição por
doação do artista, 2011



Sem título, 1984
Pintura sobre papel, 50 x 50 cm
Acervo MARGS, aquisição por
doação do artista, 2011



Sem título, 1984
Pintura sobre papel, 50 x 50 cm
Acervo MARGS, aquisição por
doação do artista, 2011



“Aquele que lá não está”, 2014
Objeto de tinta acrílica, 4 x 13,7 x 13 cm
Acervo MARGS, aquisição por doação do artista, 2022



“Aquele que lá não está”, 2014
Objeto de tinta acrílica, 3,7 x 18,6 x 10,6 cm
Acervo MARGS, aquisição por doação do artista, 2022



“Aquele que lá não está”, 2014
Objeto de tinta acrílica, 7,7 x 15 x 11,8 cm
Acervo MARGS, aquisição por doação do artista, 2022



“Aquele que lá não está”, 2014
Objeto de tinta acrílica, 12,5 x 15,3 x 14,3 cm
Acervo MARGS, aquisição por doação do artista, 2022



“Aquele que lá não está”, 2014
Objeto de tinta acrílica, 4,5 x 8,6 x 7,1 cm
Acervo MARGS, aquisição por doação do artista, 2022



“Aquele que lá não está”, 2014
Objeto de tinta acrílica, 7,5 x 17,4 x 17,5 cm
Acervo MARGS, aquisição por doação do artista, 2022



“Aquele que lá não está”, 2014
Objeto de tinta acrílica, 7,2 x 14,3 x 12,5 cm
Acervo MARGS, aquisição por doação do artista, 2022



“Aquele que lá não está”, 2014
Objeto de tinta acrílica, 3,5 x 13,8 x 12,2 cm
Acervo MARGS, aquisição por doação do artista, 2022



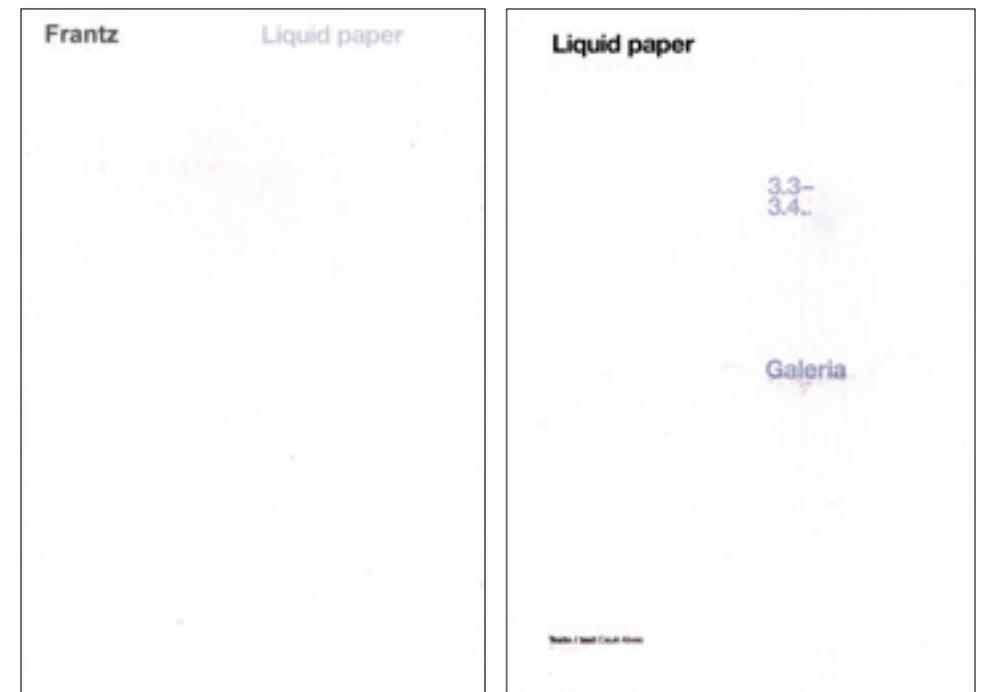
“Pichação”, 1981
Pintura sobre tela, 70 x 70 cm
Acervo MARGS, aquisição por doação do artista, 2011



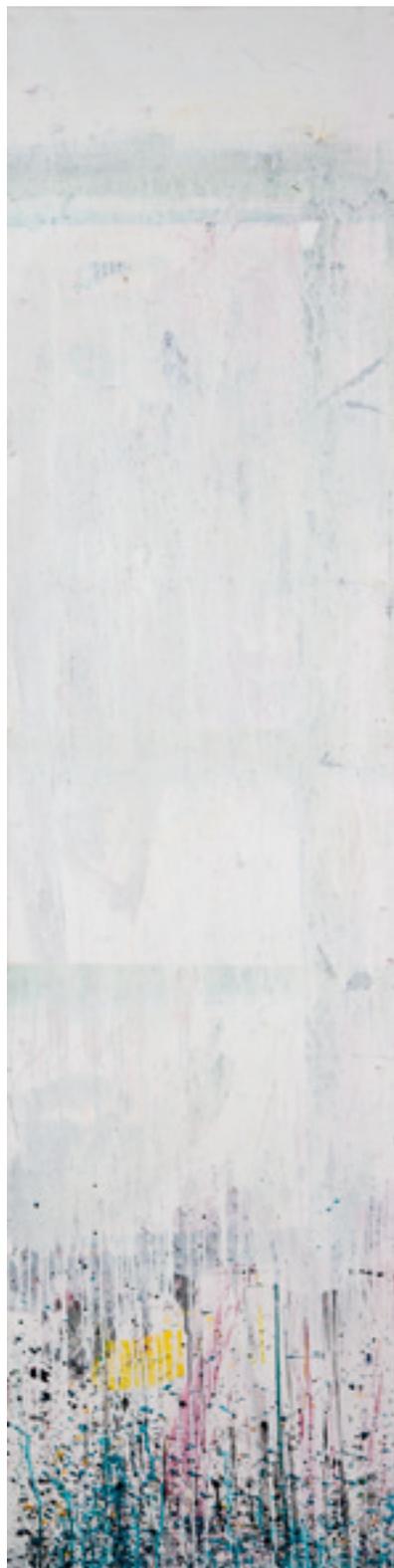
“Pichação”, 1981
Pintura sobre tela, 70 x 70 cm
Acervo MARGS, aquisição por doação do artista, 2011



“Pichação”, 1981
Pintura sobre tela, 70 x 70,5 cm
Acervo MARGS, aquisição por doação do artista, 2011



“Liquid Paper”, 2019
Livro de artista contendo 19 impressões digitais em papel, 48,5 x 33 cm (cada)
Acervo Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), aquisição por doação do artista, 2022



Sem título, 2011
Pintura sobre tela,
200 x 50 cm
Acervo MARGS, aquisição
por doação do artista, 2011



Sem título, 2010
Pintura sobre tela, 140 x 220 cm
Acervo MARGS, aquisição por
doação do artista, 2011



Sem título, 1990
Litogravura, 35 x 49,5 (25,5 x 34,6) cm
Acervo MARGS, aquisição por
doação do MAM Atelier de Litografia
de Porto Alegre, 2000

Francisco Dalcol**Diretor-curador do MARGS**

Pesquisador, crítico, historiador da arte, curador, jornalista e editor. Doutor em História, Teoria e Crítica de Arte pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), com estágio de doutoramento pela Universidade Nova de Lisboa (UNL). Sua pesquisa de doutorado trata das interseções entre crítica de arte, exposição e curadoria, tendo defendido em 2018 a tese intitulada “A curadoria de exposição enquanto espaço de crítica: a constituição de um campo de prática e pensamento em curadoria no Brasil (anos 1960-1980)”. Professor-colaborador do curso de especialização (*lato sensu*) Práticas Curatoriais, do Instituto de Artes da UFRGS. É membro da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA), da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA) e da Associação Brasileira de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP). Em 2019, foi agraciado com o prêmio de Curadoria no Açorianos de Artes Plásticas, da Prefeitura de Porto Alegre. Em 2016, ganhou a 1ª menção honorífica no Incentive Prize for Young Critics, concedido pela AICA. Entre 2012 e 2016, foi editor e crítico de arte do jornal Zero Hora, de Porto Alegre (RS). Além de se dedicar à investigação teórica e histórica sobre estudos expositivos, curatoriais e história das exposições, sua atuação curatorial envolve projetos com artistas históricos e contemporâneos e com acervos privados e públicos, desenvolvendo exposições individuais e coletivas em museus, instituições e galerias, assim como a editoração de catálogos, livros e publicações de arte.

Projeto cultural

Plano anual MARGS 2021 & 2022
PRONAC 203582

Administração do projeto

Instituto Cultural Quattro

EXPOSIÇÃO**“Frantz – Também e ainda pintura”**

13.06.2019 a 01.09.2019

Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS

Galeria João Fahrion, sala Pedro Weingärtner e sala Angelo Guido

Curadoria

Francisco Dalcol

Equipe de montagem

Estruuart

Comunicação visual

Laura Duarte Lucchese

CATÁLOGO**Lançado em 2022****Editor**

Francisco Dalcol

Coordenação editorial

Cristina Barros

Produção editorial e revisão

Carla Batista, Cristina Barros,
Fernanda Medeiros, Natália Lehmen
de Moraes e Raul Holtz

Textos

Francisco Dalcol

Projeto gráfico

Leonardo Pissetti e
Artur Dornelles Ferreira

Tratamento de imagem

Anderson Astor

Créditos das imagens

© Carlos Sileiro (capa e verso, pp. 32-33, 34-35, 38, 51, 52-53)

© Clóvis Dariano (pp. 39, 42, 43, 134a, 134b, 134c, 135a, 135b, 135d)

© Fábio Del Ré e Carlos Stein – VivaFoto (pp. 2-3, 21, 24a, 28-29, 46-47, 132, 133, 134d, 135c, 136, 137a, 138, 139)

© Juliana Schnack (pp. 54, 55, 62-63)

© Mário Röhnelt (pp. 94-95, 97)

© Martin Streibel (pp. 92-93)

© Raul Holtz (pp. 8-9, 20, 26-27, 30-31, 36-37, 40-41, 44-45, 48-49, 58-59, 60-61, 64-65, 66-67, 68-69, 70-71, 72-73, 74-75, 76-77, 78-79, 80-81, 82-83, 108-109, 112-113, 114-115, 116-117, 118-119, 131)

© Acervo Documental (pp. 22, 23, 24b, 25, 84-91, 96, 98-107)

© Reprodução (pp. 120, 121, 122, 123, 124-125, 126, 127, 137b)

Impressão

Ideograf

Projeto cultural

Plano anual MARGS 2021 & 2022
PRONAC 203582

Administração do projeto

Instituto Cultural Quattro

Governo do Estado do Rio Grande do Sul

Governador

Eduardo Leite (2019-2022)
Ranolfo Vieira Júnior (2022)

Secretária de Estado da Cultura

Beatriz Araujo

Secretária Adjunta da Cultura

Gabriella Meindrad

Diretora de Artes e Economia Criativa

Ana Fagundes

Diretor de Memória e Patrimônio

Eduardo Hahn

Diretora do Instituto Estadual de Artes Visuais – IEAVi

Adriana Boff

Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS

Diretor-curador

Francisco Dalcol

Curadora-assistente e coordenadora de operação

Fernanda Medeiros (2019-2022)
Cristina Barros (2022)

Núcleo de Acervos e Pesquisa

Ana Maria Hein
Eneida Michel da Silva
Raul César Holtz Silva – coordenador
Nina Sanmartin – estagiária de História da Arte (UFRGS)

Núcleo Administrativo

Maria Tereza Paes – coordenadora
Fabiana Lima
Natália Lehmen de Moraes

Núcleo de Comunicação e Design

Artur Dornelles Ferreira – estagiário de Artes Visuais (UFRGS)
Cristina Barros – coordenadora

Núcleo de Conservação e Restauro

Loreni Pereira de Paula
Naida Maria Vieira Corrêa – coordenadora

Núcleo de Curadoria

Francisco Dalcol – coordenador
José Eckert
Sandra Vinhales

Núcleo Educativo e de Programa Público

Aline Zimmer – estagiária mestranda em Artes Visuais – História, Teoria e Crítica (UFRGS)
Amanda Wink Barcellos – estagiária de História da Arte (UFRGS)
Ana Carolina Cecchin Chini – estagiária de Artes Visuais (UERGS)
Carla Batista – coordenadora
Izís Abreu

Comitê de Acervo

Fernanda Medeiros
Flávio Krawczyk
Francisco Dalcol
Igor Simões
Paulo Gomes
Raul Holtz Silva
Vera Chaves Barcellos

Comitê de Curadoria

Ana Albani de Carvalho
Carla Batista
Eduardo Veras
Fernanda Medeiros
Francisco Dalcol
Izís Abreu
Munir Klamt
Paulo Miyada

Equipe de serviços gerais

Claudia Rosangela Gomes Escobar
Gisele Soares de Lima
Maria Neli Andrade Hilario
Nelci Anschau

Equipe de segurança

José Antônio da Silva Alves (supervisor)
Alexandre da Silva Fão
Denise Lopes Porto
Gilda Teresinha Oliveira Teixeira
Lucelena da Cunha Santos
Marcio de Oliveira da Rosa
Saimon Silva da Costa
Renata Pereira Mendes
Vander de Menezes
José Vilnei Moraes Luiz (supervisor)
Dene de Avila Ribeiro
Domingos Rogério Baes Demutti
Jean Carlos Dias Paiz
Josiane Pinheiro Gonçalves
Wanessa Eccel Santos
Vitor Douglas da Rosa Pereira
Wagner Pereira da Silva

Associação dos Amigos do Museu de Arte do Rio Grande do Sul – AAMARGS

Presidente

Maria Regina de Souza Lisboa

Vice-presidente

Arnoldo Walter Doberstein

1ª Tesoureira

Ilita da Rocha Patricio

2ª Tesoureira

Nilo Sergio Vargas Montardo

1ª Secretária

Reny Elizabeth de Araújo
Ramacciotti

2ª Secretária

Dirce Zalewski

Conselho Fiscal

Carmen Rabeno Fasolo
Carlos Carrion de Britto Velho
Iara Iris Borne Nunnenkamp
Francisco Dalcol

Assistente administrativo

Alexandre Borges Silva

Museu de Arte do Rio Grande do Sul | MARGS

Praça da Alfândega, s/nº
Centro Histórico
Porto Alegre | RS
90010-150 | Brasil
Terça-feira a domingo
10h às 19h
Entrada gratuita
margs.rs.gov.br
[f](https://www.facebook.com/museumargs) [i](https://www.instagram.com/museumargs) [y](https://www.youtube.com/museumargs)

ASSOCIE-SE

Associação dos Amigos do
Museu de Arte do Rio Grande
do Sul | AAMARGS
margs.rs.gov.br/aamargs

VISITAS MEDIADAS

O Núcleo Educativo do
MARGS acolhe grupos para visitas
mediadas ou técnicas.
Solicitações devem ser enviadas
com antecedência para o e-mail
educativo@margs.rs.gov.br

CAFÉ

Cafeteria e gastronomia, em um
espaço que apresenta eventos
artísticos e musicais. Terça a
domingo, das 10h às 19h

LIVRARIA E LOJA

Livros e artigos de papelaria,
além de materiais para
desenho e pintura.
Terça a domingo, das 10h às 19h

RESTAURANTE

Bistrô com gastronomia
diferenciada, em menu
e sugestões do dia.
Diariamente, das 11h às 19h
(acesso externo ao museu)



São patrocínios, apoios e colaborações que garantem em grande parte a manutenção, a operação e a programação do MARGS. Faça parte também desses esforços e seja mais um dos incentivadores do museu. Doe parte de seu Imposto de Renda devido para o Plano Anual do MARGS pela Lei de Incentivo à Cultura Federal e contribua para a difusão da cultura, da educação e da cidadania.
Informações: aamargs@margs.rs.gov.br e (51) 3211-5736

Famílias tipográficas	Source Sans e Helvetica
Papéis	Offset alta alvura 120 g/m ² (miolo) e Supremo 250 g/m ² (capa)
Tiragem	300 exemplares

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Pública do Estado do RS, Brasil)

F836

FRANTZ: também e ainda pintura. / curadoria e textos de Francisco Dalcol. –
Porto Alegre: MARGs: SEDAC: AAMARGs, 2022.
143p.; il.

ISBN: 978-65-86257-02-1

1.Frantz: exposição MARGs: catálogo. 2. Artes Visuais: Frantz. I. Dalcol,
Francisco. II. Frantz: exposição. III. Museu de Artes do Rio Grande do Sul..

CDU: 73/76 (81) (058)

Bibliotecária responsável: Morganah Marcon CRB10/1024

Todos os direitos reservados

© MARGs © Francisco Dalcol

Todos os esforços foram feitos para reconhecer os direitos morais, autorais e de imagem neste livro. O MARGs agradece qualquer informação relativa à autoria, titularidade e/ou outros dados que estejam incompletos nesta edição, e se compromete a incluí-los em futuras reimpressões. Nesta edição respeitou-se o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

M | A | R | G | S

Museu de Arte do Rio Grande do Sul

Praça da Alfândega, s/nº
Centro Histórico | Porto Alegre, RS
90010-150 | Brasil

Terça-feira a domingo, 10h às 19h
Entrada gratuita

 margs.rs.gov.br
  [/museumargs](https://www.instagram.com/museumargs)

ISBN: 978-65-86257-02-1



9 786586 257021